



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA E TURISMO DO ESTORIL

Mestrado em Turismo

Ramo de

Gestão Estratégica de Eventos

Relatório de Estágio

**Estratégia de Combate à Pobreza e à
Exclusão Social através dos Eventos**

Aluna: Catarina Nunes de Carvalho de Aguiar Costa

Orientador: Fernando Completo

Março 2015



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Estratégia de Combate à Pobreza e à Exclusão Social através dos Eventos

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Eventos

Orientador: Fernando Completo

Aluna: Catarina Nunes de Carvalho de Aguiar Costa

Março, 2015

Resumo

O presente relatório, elaborado no âmbito do estágio realizado no Reino Unido na empresa Joe Gray Events, estrutura uma pesquisa sobre os eventos culturais e como estes se relacionam com outros temas tais como educação pela arte e inovação e empreendedorismo social, de modo a combater a pobreza e a exclusão social.

Ao utilizar a metodologia das *histórias de vida* de actores privilegiados locais, como processo de pesquisa, é possível analisar o impacto que estes eventos têm na vida de comunidades mais desfavorecidas e com grande carência de recursos básicos.

Durante o estágio realizado foi possível trabalhar directamente com esta questão, compreendendo quais os procedimentos necessários para a criação de uma organização que tem como objectivo ajudar jovens carenciados. Conclui-se que esta organização pode utilizar os eventos como estratégia de combate aos problemas sociais de diferentes formas, ajudando a inserir os indivíduos no mercado de trabalho, a dinamizar o local, e a atrair turistas e ainda a angariar dinheiro para desenvolver a comunidade onde se encontra inserida. Através do estágio e das histórias de vida, pode-se concluir que os eventos culturais têm realmente um grande impacto positivo na vida da comunidade com que a organização trabalha, sendo necessário que a esta trabalhe com a organização e participe em todos as fases do evento.

Palavras-Chave: Eventos culturais, educação pela arte, inovação e empreendedorismo social, comunidade, pobreza, exclusão social, estratégia.

Abstract

This report, developed at Joe Gray Events, research about cultural events and how they are related with other subjects as education through art and social innovation and entrepreneurship to combat poverty and social exclusion. Using the life's stories of two individuals as a research method it's possible to analyse the impact that events have in life of more poor communities with great lack of basic resources. During the internship it was possible to work directly with this issue understanding which procedures would be necessary to create an organization that aims help underfunded young people. We can conclude that this organization can use the events as a strategy to combat these

social problems in different ways, helping to integrate people in work market, to dynamize the local and attract tourists and to raise money to develop the neighbourhood. Through the internship and the life's stories we can conclude that the cultural events have a big positive impact in community's life. However, is necessary that the community works with the organisation and participate in every step of the event.

Keywords: Cultural events, education through art, social innovation and entrepreneurship, community, poverty, social exclusion, strategy.

Lista de Abreviaturas e Símbolos/Glossário

- BPU – Breakdance Project Uganda
- et al. - Outros
- p. – Página
- pp. – Páginas

Índice de Quadros

- Quadro 1 – Factores de pobreza e exclusão social.....8

Índice

| | |
|--|----|
| Resumo/Abstract..... | II |
| Lista de Abreviaturas e Símbolos/Glossário..... | IV |
| Índice de Quadros..... | V |
| 1 – Introdução | 1 |
| 2 - Enquadramento Teórico: estado da arte..... | 4 |
| 2.1 – Arte: Inclusão Cultural e Coesão Social..... | 4 |
| 2.2 – Inovação, Empreendedorismo Social e Capital Cultural..... | 19 |
| 2.2.1 – Educação pela Arte..... | 25 |
| 2.2.2 – Classes Criativas..... | 28 |
| 2.3 – Estratégia de Combate à Exclusão Social através dos Eventos..... | 30 |
| 3 – Da Exclusão à Inclusão Sociocultural: Desafios Metodológicos..... | 34 |
| 3.1 – Histórias de Vida..... | 34 |
| 3.1.1 – Conceito..... | 34 |
| 3.1.2 – Tendências e Perspectivas..... | 35 |
| 3.1.3 – Objectivos e Procedimentos..... | 36 |
| 4 – Estudo de Caso: Joe Gray Events..... | 38 |
| 4.1 - Apresentação do Estágio..... | 38 |
| 4.1.1 – Caracterização da Entidade de Estágio..... | 38 |
| 4.1.2 – Actividades Desenvolvidas..... | 39 |
| 4.2 – Resultados..... | 40 |
| 4.2.1 – História de vida de Joe Gray..... | 41 |
| 4.2.2 – História de Vida de Abraham Tekya..... | 45 |

| | |
|-------------------------------------|------|
| 4.3 – Plano de Acção..... | 49 |
| 4.4 – Evento Final..... | 55 |
| 5 – Conclusão..... | 57 |
| 6 – Referências bibliográficas..... | 62 |
| Anexos..... | VIII |
| Anexo 1..... | IX |

1 - Introdução

No âmbito do Mestrado em Turismo com especialização em Gestão Estratégica de Eventos, a decorrer na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril (ESHTE), como Trabalho Final de Mestrado, foi escolhida a figura do estágio curricular, resultando num Relatório de Estágio.

O estágio curricular, para além da parte de pesquisa fundamental para escrever o relatório de estágio de forma fundamentada, permite uma aprendizagem a nível prático e profissional que de outra forma não seria possível.

Os responsáveis pelos estagiários, guiam-nos durante todo o estágio, dando-nos, no entanto, liberdade para tomarmos as suas próprias decisões consoante os conhecimentos já adquiridos. Assim, os estagiários têm a oportunidade de entenderem como funciona uma empresa ao mesmo tempo que começam a pôr em prática tudo aquilo que aprenderam durante o curso e que muitas vezes parece não estar bem consolidado.

Muitos conceitos e estratégias que se aprendem ao longo dos anos de ensino só são totalmente compreendidos quando postos em prática em situações reais. É nestes momentos que efectivamente se põe à prova as capacidades de cada um agir sob pressão, pois existe uma diferença entre o saber e o saber fazer.

Um estágio curricular permite, ainda, que se trabalhe em diferentes áreas, proporcionando um vasto conhecimento sobre os diferentes departamentos da empresa.

Em relação, especificamente, ao estágio em gestão de eventos, é muito importante que se tenha acesso aos diferentes departamentos, uma vez que todos têm de estar interligados e em comunicação para que os eventos se realizem da melhor forma possível. São estes que, em conjunto e trocando informação entre si, trabalham para organizar um evento e a falta de comunicação entre si pode causar atrasos no desenvolvimento do evento pois algumas tarefas podem-se sobrepor ou não serem de todo executadas.

O acesso aos diferentes departamentos possibilita a experiência em várias áreas e que os estagiários se apercebam em quais gostariam de trabalhar mais tarde quando decidirem especializar-se.

Para além de todas estas vantagens do estágio, este tem ainda outra particularidade. Cada vez é mais difícil entrar no mercado de trabalho visto que os empregadores pedem sempre alguma experiência e, normalmente, os estudantes que acabam os seus cursos ainda não a têm e precisam de começar de alguma forma.

Deste modo, o estágio curricular, não sendo remunerado mas permitindo a aprendizagem prática, facilita esta entrada no mercado de trabalho, uma vez que após o estágio já se pode considerar ter alguma experiência e até poderá surgir a hipótese de continuar a trabalhar nessa mesma empresa após o estágio.

O objectivo é criar um projecto que se pretenda desenvolver durante o estágio para o qual é necessário realizar uma pesquisa sobre as várias matérias que se pretendem estudar de modo a poder consolidar conhecimentos e fundamentar todas as ideias do projecto. Este projecto deve estar, de alguma forma, relacionado com o estágio que se está a realizar para poder pôr em prática os conceitos que estão a ser estudados.

Neste sentido, pode-se dizer que o estágio curricular implica o dobro do trabalho, uma vez que para além do estágio ainda se escreve o relatório de estágio, ao contrário das outras situações onde apenas existe a parte teórica havendo uma pesquisa sobre determinado assunto, podendo escolher entre uma dissertação ou um projecto.

Este relatório, em específico, será dividido em três capítulos, sendo o primeiro o enquadramento teórico onde serão abordadas questões relacionadas com a arte e a sua forma de inclusão cultural e coesão social através das suas variadas formas de expressão. Assuntos como a inovação, empreendedorismo social e capital cultural também serão abordados neste capítulo sendo fundamentais para explicar como estes conceitos se podem relacionar e desenvolver de modo a elaborar uma estratégia de combate à exclusão social através dos eventos. Esta estratégia também será desenvolvida neste capítulo demonstrando como a arte pode servir como ferramenta de educação, sendo considerada uma forma de inovação, levando a ajudar os indivíduos com menos possibilidades.

Para que tal estratégia possa ser posta em prática é importante que se escolha e analise o melhor método possível. Assim, num segundo capítulo, irá ser estudado o método escolhido e quais as suas tendências e seus objectivos, de modo a conseguir pôr em prática o que foi estudado no enquadramento teórico.

Por fim, o terceiro capítulo diz respeito ao estudo de caso. Nesta parte, apresenta-se a entidade de estágio, relacionando as actividades desenvolvidas ao longo deste, com os conceitos teóricos e o método estudado, apresentando assim o projecto final.

Para quem pretende criar o seu próprio projecto/empresa, será uma boa oportunidade realizar o projecto ou estágio, sendo que se escolher o estágio lhe permite começar a trabalhar e a pôr em prática tudo o que aprendeu e ainda está a aprender ao mesmo tempo que começa a criar a sua rede de *networking* para que mais tarde possa então iniciar o seu projecto.

2 – Enquadramento Teórico: estado da arte

2.1 – Arte: Inclusão Cultural e Coesão Social

A pobreza, assim como a exclusão social que vem muitas vezes associada, têm sido temáticas bastante abordadas tanto pelos Estados como pela sociedade em geral. A importância dada a estas temáticas deve-se ao seu crescente agravamento e às suas consequências.

Com a crise económica e social de que se ouve falar todos os dias, a pobreza tende a aumentar cada vez mais para aqueles que já vivem com dificuldades e são excluídos de alguma forma, seja económica ou culturalmente, por não terem como aceder a certos recursos.

Assim, cria-se um abismo cada vez maior entre os mais ricos e os mais pobres, aumentando a exclusão social.

Estas temáticas são muito importantes para o Estado mas também para as próprias comunidades que vivem nestas condições e que podem, realmente, tentar combater este agravamento através de determinadas estratégias que irão ser abordadas no presente relatório.

É importante estar sempre a par de novos mecanismos, mas para isso, é igualmente importante não conhecer apenas o problema mas também aquilo que o causou, pois só conhecendo a origem se pode tentar encontrar uma solução.

É, então, fundamental que se entenda que a pobreza sempre foi um factor constante na sociedade, existindo desde os tempos mais remotos e mantendo-se na actualidade, aumentando e diminuindo, de um modo, mais ou menos grave em alguns países, mas nunca desaparecendo.

Esta permanência da pobreza originou, ao longo dos anos, a existência de diferentes classes económicas causando a falta de recursos para aqueles que não têm possibilidades de os adquirir, considerando a pobreza não só como a falta de rendimentos, mas também como a fraca qualidade de vida a que se está sujeito.

Assim, se queremos reduzir a pobreza, temos de primeiro ter perfeita consciência do nível que esta atingiu em todo o mundo para que possamos agir na direcção certa e

envolver os mais desfavorecidos na comunidade, uma vez que *“Os pobres e excluídos passam a depender cada vez menos da comunidade em que estão inseridos e cada vez mais de si próprio e/ou do sistema de protecção social.”* (Rêgo, 2010, 4).

Alguns dos problemas tangíveis à sociedade contemporânea como os níveis de emprego baixos, mudanças na organização familiar, a constituição de novos territórios suburbanos degradados e os crescentes fluxos migratórios, têm como consequência o aparecimento do aumento dos padrões de exigência dos cidadãos face aos serviços sociais prestados.

O conceito de exclusão social é também muito importante, sendo definido como *“ (...) um processo mais vasto que engloba questões de pobreza, isto é, que pode contemplar ou não situações de privação material, mas que pressupõem sempre o não acesso a um ou mais sistemas sociais fornecedores de bens e serviços.”* (Delors & Ribeiro, 2007, citado por Rêgo, 2010, 4).

A pobreza também é vista como resultado da exclusão social, não sendo possível analisar esta última sem a vertente socioeconómica tanto do país como dos seus habitantes. (Costa & Porto, 2008).

Segundo Luís Capucha, existem autores para quem a exclusão social é a “nova questão social”, resultando do facto de existirem sectores da população que o sistema económico não investiga. Não se trata daqueles trabalhadores que já se encontram desempregados nem dos familiares dos trabalhadores que se colocam fora do mercado, trabalhando como ‘domesticas’, por exemplo e que contribuem para tornar mais barato o custo da reprodução da força de trabalho, mas sim de sectores consideráveis da população que o capitalismo não explora e assim sendo, não encontra utilidade para tais, colocando-os à margem dos sistemas predominantes de organização das economias.

Contudo, tanto o conceito de pobreza como o de exclusão social variam consoante os locais e sociedades em análise, sendo que dependem de aspectos sociais, culturais e nacionais.

Na Europa existem duas abordagens principais no que diz respeito a estes conceitos: *“ (...) a inglesa que centra os estudos da pobreza e exclusão social nos aspectos distributivos. Os ingleses põem a tónica na cidadania social para a saída da exclusão social. A corrente Francesa que aborda sobretudo os aspectos relacionais. Os*

franceses encaram a inclusão social através da implementação de processos de socialização e integração social que promovam a recriação de sociabilidades.” (Rêgo, 2010, 5).

Por outro lado, existe ainda a abordagem económica onde se analisam os mesmos conceitos através de questões sociais e relacionadas com os rendimentos, sendo também muito importante pois *“a inclusão social ampla só é possível se os modelos económicos favorecerem a igualdade social”* (Costa & Porto, 2008, 87).

Resumindo, as teorias que abordam as questões culturais são um pouco mais abrangentes pois consideram que existem vários tipos de necessidades que podem moldar o carácter de um indivíduo de forma negativa e por consequência da sua família, gerando-se um ciclo difícil de quebrar, pois vai passando de geração em geração. Por outro lado, as abordagens económicas limitam os seus estudos aos rendimentos e consumos, reconhecendo o emprego e o desemprego como foco na questão da pobreza e exclusão social.

Também é possível compreender que existem várias vertentes da exclusão social, tal como a social, cultural, económica e patológica e comportamentos autodestrutivos (Mano, 2010).

A vertente social identifica-se com questões relacionadas com grupos que, devido à forma como a sociedade se apresenta e aos seus estilos de vida, não encontram o seu lugar na sociedade, sofrendo assim de exclusão social, uma vez que não têm acesso a tudo o que a sociedade pode oferecer.

As questões culturais dizem respeito a preconceitos existentes na sociedade que originam também a exclusão de indivíduos que teriam acesso aos recursos necessários, não sofrendo de carência de bens básicos, mas que devido a estes preconceitos são excluídos, de alguma forma, da sociedade. Esta vertente relaciona-se ainda com outros assuntos tais como o emprego ou o sistema económico, visto que havendo preconceito na sociedade, também haverá no que diz respeito ao emprego destes dentro desta e consequentemente a nível económico, sendo que o facto de não conseguirem encontrar um emprego devido a este factor cultural, os impede de terem o rendimento necessário para viverem.

Desta forma, entende-se que os factores económicos se relacionam com os rendimentos dos indivíduos que são excluídos por não terem as mesmas possibilidades nem o acesso a determinados bens e serviços, o que faz com que muitas vezes, até o mesmo o círculo de amigos se afaste (Mano, 2010).

Muitas vezes, a situação económica de um indivíduo não diz respeito apenas a si mesmo mas também à sua família, por exemplo, o rendimento dos pais influencia o modo de vida dos filhos.

Assim, consoante o seu rendimento e as suas possibilidades, toda a sua família poderá sofrer de exclusão, sendo que não conseguem aceder a certos bens e serviços que poderão ser fundamentais na sua vida.

Por fim, as questões patológicas e de comportamentos autodestrutivos dizem respeito a indivíduos toxicodependentes, alcoólicos ou com doenças psiquiátricas que provocam a ruptura com os outros membros da sociedade e com os sistemas básicos tais como a saúde, habitação e emprego.

Compreende-se, assim, que existindo tantas formas de exclusão social, esta poderá ocorrer com bastante facilidade e a níveis diferentes, dependendo de vários factores.

Luís Capucha (2005, referido por Godinho) indica alguns factores tanto objectivos como subjectivos e tanto ao nível social como ao nível das pessoas e contextos.

Quadro 1 – Factores de pobreza e exclusão social

Nível Societal (Oportunidades)

| | | | |
|--------------------------|---|---|---------------------------|
| Factores Objectivados | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Padrões de especialização económica, produtividade, salários e formas de regulação do trabalho; ▪ Funcionamento do sistema fiscal; ▪ Estruturas e dinâmicas do mercado de trabalho; ▪ Orientação e funcionamento geral dos sistemas de ensino, formação, saúde, protecção social; ▪ Dinâmicas demográficas e familiares, infra-estruturas (transportes, saneamento, ...) e oferta de equipamentos e serviços de proximidade; ▪ Dinâmica de organização e especialização dos territórios. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Representações negativas e preconceituosas a respeito das pessoas em situação de exclusão; ▪ Valores de solidariedade e justiça social ▪ Atitude face à responsabilidade social das empresas; ▪ Níveis de informação e de sensibilização de actores estratégicos e da sociedade em geral para os problemas dos grupos desfavorecidos; ▪ Configuração cultural de orientação individualista. | Factores Subjectivados |
|--------------------------|---|---|---------------------------|

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoas e grupos auferindo baixos rendimentos salariais e benefícios sociais escassos; ▪ Qualificações escolares e profissionais muito baixas ou inexistentes para parte significativa da população; ▪ Desemprego, desemprego desencorajado, emprego sem qualidade e sobre exploração; ▪ Insuficiência ou distância de serviços de formação profissional em relação aos potenciais clientes; ▪ Dificuldades de acesso a serviços e equipamentos (apoio à família, saúde, protecção, educação, ...); ▪ Más condições de habitação e acesso a transportes; ▪ Trajectórias espaciais e sociais de exclusão; ▪ Organização familiar; ▪ Pertença a circuitos de pobreza instalada. | <ul style="list-style-type: none"> ▪ Auto-imagem desvalorizada; ▪ Falta ou distorção da informação; ▪ Fraca capacidade de mobilização colectiva e de reivindicação; ▪ Escassez de iniciativa estratégica e orientação para a sobrevivência quotidiana; ▪ Acomodação à escassez das oportunidades e falta de motivação; ▪ Indisciplina pessoal e menor capacidade de desempenho social regular. |
|---|--|

Pessoas e seus contextos
(Capacidades)

Fonte: Capucha, L. (2005), “Desafios da Pobreza”, Oeiras, Celta Editora citado por Godinho

Outro factor que contribui para a exclusão social e que se deve especificar é a construção de bairros sociais ou habitações semelhantes nos arredores das cidades. Estes locais apenas causam uma maior exclusão social, uma vez que agrupam as pessoas com menos possibilidades e recursos no mesmo sítio, continuando à parte da sociedade e com problemas por resolver.

“A construção de bairros de habitação social ou outro tipo de habitats nas periferias das cidades para alojar os trabalhadores provocou um crescimento exponencial de comportamentos desviantes e de estigmas sociais que desencadearam, por sua vez, respostas violentas e um clima de insegurança urbana.” (Rêgo, 2010, 7).

Isto acontece pois nestes bairros sociais agrupam-se indivíduos de locais muito diferentes com poucas possibilidades que por vezes já têm rivalidades entre si e pelo facto de não se sentirem seguros e se encontrarem excluídos da sociedade agem de forma violenta.

No entanto, apesar de algumas análises à exclusão social apontarem para esta como uma das causas da delinquência juvenil, outros estudos demonstram que a pobreza não é o factor fundamental no nível de criminalidade, sendo que *“Regiões extremamente pobres apontam baixos índices de violência, enquanto as grandes cidades – mais ricas – encontram cada vez mais dificuldades para controlar esse problema.”* (Costa & Porto, 2008, 87).

E é no contexto urbano que a pobreza e a exclusão social se encontram muito agravadas, estando ligadas a questões económicas. Neste caso, a falta de vários recursos como infra-estruturas, habitações ou postos de trabalho resulta em desequilíbrios na vida de cada pessoa e na sua comunidade, dificultando a sua vivência. Isto deve-se à dependência que esses tipos de recursos causaram dentro da nossa sociedade e da não existência de capacidade de resposta quando estes falham.

“O designado sistema de protecção social tem sido também gerador de desigualdades, uma vez que mantém uma insuficiência ou inexistência de garantias sociais para determinadas eventualidades” (Rêgo, 2010, 8).

É, então, necessário encontrar uma alternativa de combate à exclusão social e redução da pobreza, o que significa que *“se deve discutir e achar meios de desenvolver ou redesenhar uma nova concepção de Estado, que deixe de lado o instrumento da violência estrutural e que tenha suas bases políticas públicas alicerçadas, em especial, no capital social e humano, pois estas denominações bem trabalhadas representam um caminho para a democracia e para o desenvolvimento social e a autonomia do sujeito.”* (Costa & Porto, 2008, 87).

A denominação de violência estrutural surge da “ (...) *estrutura da sociedade em que está a raiz da violência, podendo ser denominada de violência institucional, devido ao facto de as sociedades serem divididas em classes sociais de senhores e servos, caracterizando o domínio de uma sobre a outra.*” (Corbisier, 1991, citado por Costa & Porto, 2008, 88).

Isto provoca uma constante desigualdade entre as classes, fazendo com que seja muito difícil que as classes inferiores tenham as mesmas oportunidades e consigam ultrapassar as suas dificuldades, de forma a melhorarem o seu modo de vida.

Muitas vezes, há quem considere que uma forma de chegar ao poder é utilizando a violência, mas na realidade, é precisamente o contrário. Onde um existe, o outro não poderá estar presente. Assim sendo, a violência apenas impede a criação de poder e de evolução, o que é muito preocupante, uma vez que “*a violência não é um fenómeno social isolado; pois é multifacetada, diluída na sociedade sob as mais diversas formas que se interligam, interagem, (re)alimentam-se e se fortalecem.*” (Costa & Porto, 2008, 89).

“*A violência estrutural precisa ser compreendida no âmbito do contexto social e cultural para que se possam elucidar os mecanismos pelos quais o Estado, em seus diferentes níveis e poderes, restringe o acesso da grande maioria da população aos direitos básicos que lhe proporcionariam uma vida digna, gerando, dessa forma, um grave quadro de exclusão social.*” (Costa & Porto, 2008, 90).

A permanência deste quadro irá afectar as classes mais desfavorecidas que não têm a possibilidade de recorrer às instituições privadas de modo a compensar as suas necessidades básicas, como por exemplo, a saúde, habitação, educação. (DECACHE, 2001, citado por Costa & Porto, 2008). “*A não possibilidade de acesso a esses bens públicos reduz as oportunidades de ascensão social aos indivíduos que se vêem obrigados a viver em condições de miserabilidade.*” (Costa & Porto, 2008, 91).

Sendo através da violência estrutural que se define quem tem acesso a esses recursos, quem pode ter as melhores condições de bem-estar social e económico ou quem faz parte do grande grupo de excluídos, os problemas sociais e por consequência os níveis de delinquência, vão originar atitudes como preconceito, intolerância e medo. (Costa & Porto, 2008). Isto deve-se ao facto de os indivíduos se revoltarem em relação à injustiça

que consideram existir e não confiarem no seu próprio Estado para os ajudar a ultrapassar os seus problemas, causando inseguranças que por sua vez se transformam em atitudes negativas.

Uma medida que deverá ajudar no combate a estes problemas é a participação responsável dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos de interesse público que tanto os afectam. Assim, as suas necessidades seriam tidas em conta e resolvidas com mais facilidade uma vez que ninguém sabe melhor quais as suas dificuldades do que aqueles que realmente as sofrem.

Além de que, é importante que os próprios indivíduos mostrem interesse e vontade em resolver os seus próprios problemas para que não sejam esquecidos e ao mesmo tempo demonstrem ser trabalhadores e querer melhorar de vida.

É importante que não se esqueça, tal como Alfredo Bruto da Costa refere numa entrevista, que *“A pobreza é um problema político e de jogo de interesses. Não nos podemos limitar a dizer que é um problema que o Governo tem de resolver. O Governo tem responsabilidades especiais, mas há medidas que pode querer tomar e não poder, porque o poder económico não deixa.”* (Jornal Publico, 2007).

Assim, é fundamental encontrar novas formas de combate à pobreza e à exclusão social que não dependam do Governo. Para além das medidas institucionais tomadas por este, existem outras hipóteses a ter em conta, um pouco mais alternativas, sendo aqui que surge a arte como forma de inclusão social.

A arte no geral leva as pessoas a unirem-se devido aos seus gostos em comum, esquecendo qualquer tipo de diferença, seja racial, social, cultural ou económica, pois a arte, apesar das diferenças culturais, é apreciada em qualquer país.

Não importa de onde vêm ou aquilo que têm, no que diz respeito à arte, a única coisa que importa é o talento ou trabalho dessas pessoas. O facto de encontrarem mais indivíduos com o mesmo talento ou a mesma motivação faz com que se identifiquem com alguém e que realmente sintam que fazem parte de um grupo.

Esses grupos são sempre bastante diversos em relação às pessoas que os constituem, conseguindo combater de certa forma a exclusão social, nos aspectos cultural e social,

pois conseguem unir pessoas muito diferentes que de outra forma talvez nunca se relacionassem.

Claro que em termos financeiros não será assim tão fácil esse combate de modo a diminuir a pobreza. Mas, também através da arte, muitas vezes os indivíduos encontram a sua verdadeira vocação e uma forma de voltarem a entrar no mercado de trabalho. Assim, conseguem melhorar o seu modo de vida, contribuindo para a redução da pobreza no geral e para a sua adaptabilidade social.

A arte sempre esteve presente na sociedade, mesmo nos tempos antigos, nas mais variadas formas, sendo um modo de entretenimento para aqueles que se encontravam nas classes sociais mais elevadas e que tinham possibilidades de aceder a um bem que, outrora, era considerado um luxo.

Mais tarde começou a ser mais acessível a todas as pessoas, desenvolvendo a cultura de todos e alargando assim os seus horizontes a novos interesses. Através da arte, nas suas variadas vertentes, é possível transmitir conhecimentos e ideias, sem que o próprio público muitas vezes se aperceba. Por exemplo, no teatro, consegue-se, através duma história, passar uma mensagem de algo importante.

Tal como no teatro, isto pode acontecer nas outras vertentes da arte, alcançando todos os amantes desta, uma vez que esta é tao diversa e consegue alcançar público também bastante variado.

Enquanto para alguns a arte é considerada apenas uma forma de entretenimento, para outros a arte tanto pode certificar como criticar uma situação social específica ou alguns valores de uma determinada época, sendo uma interpretação da sociedade, atribuindo à obra um certo valor social de intervenção (Barroso).

O artista vive numa sociedade onde se educou com costumes e interesses, inspirando-se na realidade para criar a sua arte e não sendo imune ao contexto sociocultural em que se insere. No entanto, a sua arte pode surgir de um mundo exterior ao artista e não se basear nas suas experiências pessoais ou gostos.

Deste modo, é possível compreender que o campo social afecta a produção artística, assim como a arte influencia o contexto social, estabelecendo relações recíprocas e dinâmicas entre a arte e a sociedade. A repercussão social da arte como resultado do seu

processo de circulação no meio da sociedade que chega ao seu destinatário, permite conhecer o efeito que a obra poderá desencadear no público, seja interesse, indignação ou indiferença, e o seu consumo através da sua interpretação e contemplação ou utilização da obra (Barroso).

Apesar de existir sempre uma relação entre a arte e a sociedade, essa pode ser diferente consoante o tipo de arte, como por exemplo, seja a arte de elite ou a arte popular. Esta última diz respeito à arte que se desenvolve fora das normas de gosto instituídos por ou para líderes de uma certa sociedade, onde a tradição representa um papel predominante tanto em termos de conteúdo, de temas e de utilização, como de estrutura, técnicas, instrumentos e materiais. (Ayres, 1996, referido por Saldanha).

Normalmente, os autores deste tipo de arte são anónimos, o que demonstra que o importante neste caso, não é o artista em si, mas o que a arte transmite ao público, seja o seu modo de vida, as suas crenças ou aspirações. Este tipo de arte é entendido como uma forma de passar uma mensagem colectiva, uma vez que a arte popular é produzida por um grupo, podendo dar assim voz ao povo.

Por outro lado, a arte de elite exige do seu público conhecimentos específicos sobre a arte e uma sensibilidade treinada de modo a poderem apreciá-la esteticamente. Este tipo de arte, ao contrário da arte popular, envolve a expressão pessoal do artista e ainda desenvolve linguagem artística.

A arte de elite contrasta com a arte popular, pois a primeira é vista mais como uma forma de entretenimento e exige algum conhecimento artístico, enquanto a segunda é uma forma de manifestação de um grupo à sociedade em que se insere, não envolvendo a expressão pessoal do artista em questão.

Desta forma, é possível compreender que alguns tipos arte poderão ser de certa forma inclusivos a nível social, mas nem sempre, sendo, portanto, necessário criar uma metodologia de modo a torná-la inclusiva.

Para tal, é fundamental compreender o conceito de intervenção comunitária de modo a que se consiga compreender qual a melhor metodologia a utilizar para tentar combater a exclusão social e a pobreza.

“ (...) o objecto de tal intervenção na comunidade é duplo: a organização da comunidade para o exercício da cidadania e a melhoria da qualidade de vida. O exercício da cidadania exige intervir “com” a comunidade e não só “sobre” a comunidade, pelo que os grupos e as pessoas que participam de forma consciente, livre e responsável no seu desenvolvimento; melhoria da qualidade de vida, que não tem que ver só com as necessidades de sobrevivência, senão com os valores comunitários: associativismo e participação cidadã, voluntariado, posta em valor da cultura popular, cultivo das tradições, recuperação dos espaços e usos comunitários, e conservação do ambiente (físico-natural, histórico e social).” (Fernández, 2009, 2).

O facto de se trabalhar com a comunidade e não se fazer impor à vontade desta facilita a intervenção comunitária, pois os residentes sentem-se a fazer parte dum projecto, através do qual irão trabalhar para melhorarem o seu local de residência e consequentemente seu nível de vida.

Para que possa existir este desenvolvimento é necessário que exista uma fase de formação à comunidade de modo a transmitir alguns conhecimentos que poderão ser essenciais mais tarde na evolução do local.

“Neste sentido, expressa-se Moacir Gadotti e Francisco Gutiérrez, (1999) em relação ao trabalho da ICEA (Associação Internacional de Educação Comunitária), sinalizando que a sua proposta de educação popular comunitária parte do princípio de que o trabalhador e, em particular, os sectores excluídos da sociedade, para atingir uma melhor qualidade de vida, educam-se ao mesmo tempo que trabalham.” (Fernández, 2009, 1).

O facto de irem pondo em prática aquilo que aprendem simultaneamente aos seus estudos, tem dois pontos positivos: o desenvolvimento da comunidade dá-se a uma velocidade maior visto que existem mais pessoas a trabalhar e ganham experiência profissional mais cedo, facilitando a entrada no mercado de trabalho quando acabam os estudos.

Este desenvolvimento não se mede apenas pelos indicadores económicos, como por exemplo, a renda, pois seria insuficiente uma vez que não teria em conta as necessidades humanas e a sua satisfação.

Assim, deve-se estudar e tentar compreender os mecanismos que originam o nosso desenvolvimento e o subdesenvolvimento dos outros e analisar as desigualdades presentes na sociedade, assim como os seus efeitos e as formas para os reduzir. Para isso é importante adoptar uma perspectiva cultural e pedagógica diferente e inovadora que force a abandonar os estereótipos existentes de modo a se poder adquirir uma nova atitude para com os outros. (Suso Jares, 2001, referido por Fernández, 2009).

Abordagens diferentes causam impactos diferentes na sociedade, ajudando a mudar tanto a atitude de alguns membros da sociedade em relação aos locais mais pobres e excluídos, como dos residentes destas localidades no que diz respeito à intervenção comunitária.

Existem vários autores que defendem que o desenvolvimento comunitário parte duma iniciativa da própria comunidade, dando protagonismo aos elementos comunitários, tais como, por exemplo, população, administração local, associações e técnicos, contando com ajuda externa que seja necessária. Além disso, incentiva o desenvolvimento interno das capacidades da comunidade, tanto económicas como culturais e sociais, promovendo uma melhoria contínua da qualidade de vida e estabelecendo relações democráticas, visto tratar-se dum projecto colectivo (Fernández, 2009).

Partindo da própria comunidade a vontade de querer melhorar tanto o seu local de residência como as suas condições de vida, é bastante mais simples realizar a intervenção comunitária, uma vez que todos pretendem trabalhar para o mesmo objectivo e em conjunto.

No entanto, existe uma diferença entre trabalhar em grupo ou em equipa. Trabalhar em equipa implica partilhar objectivos, decisões e responsabilidades, construindo em conjunto um plano de trabalho de modo a definir a responsabilidade de cada membro, mantendo a disposição dos indivíduos em considerar as experiências de cada membro do grupo.

Resumindo, quando se trabalha em grupo, trabalha-se para o mesmo objectivo mas cada um fá-lo individualmente, enquanto quando se trabalha em equipa, trabalha-se realmente em conjunto para o mesmo fim.

“O trabalho em equipa, num modo sintético pode ser definido como uma “estratégia concebida pelo homem, para melhorar a efetividade do trabalho e elevar o grau de

satisfação do trabalhador”. (Piancastelli, et al, s/d, p. 1). Mas mais do isso, importa referir que se trata de “uma oportunidade de convivência mais aproximada entre colegas e também de aprendizagem compartilhada”. (Silva, 2012, 34).

Juntando o conhecimento e experiência de todos os indivíduos de uma equipe, ganha-se uma noção mais abrangente da sociedade e do que nos rodeia de forma a podermos agir da melhor maneira na direcção da inclusão social.

Uma actividade que permite esta interacção de grupo não só com a equipe em si mas também com os membros da comunidade é as dinâmicas de grupo. Permite conhecer melhor os membros desta e ajuda na resolução de quaisquer conflitos que possam aparecer, pois possibilita uma relação aberta e voluntária entre os membros do grupo.

“ (...) as dinâmicas de grupo, contribuem para o desenvolvimento de relacionamentos bem como para a aquisição de conhecimentos e aprendizagens. Fica então patente a importância das dinâmicas de grupo na formação de agentes sociais, no qual é valorizado a participação e a construção coletiva de saberes. Todos os elementos do grupo, sejam eles os que realizam a atividade e os que preparam e comandam, são essenciais para o sucesso da atividade e conseqüentemente para o desenvolvimento de novas capacidades e aprendizagens do grupo.” (Silva, 2012, 39).

Todos os indivíduos devem ter em consideração a participação na vida da comunidade, existindo políticas orientadas para o respeito ao pluralismo e a diversidade, aos direitos humanos e que evitem a exclusão social. Para tal, é fundamental que exista uma distribuição equitativa dos benefícios do crescimento económico (Freitas, 2003, citado por Fernández, 2009).

Outro aspecto importante é que todos os membros da comunidade estejam de acordo com aquilo que se pretende realizar, uma vez que irá afectar todos enquanto sociedade e o objectivo é melhorar as condições de vida e não impor nenhuma vontade que não seja a deles também.

Para que isso seja possível, deve-se procurar conhecer a comunidade em que se pretende intervir de modo a entender os seus hábitos de vida, quais as maiores dificuldades em que se encontram e principalmente, qual a melhor maneira de intervir no caminho para a inclusão social.

“Atualmente, os programas de Desenvolvimento Comunitário são fundamentais na promoção duma melhor qualidade de vida para todas as pessoas e as futuras gerações. Ao nível da informação e da educação das comunidades, têm permitido o desenvolvimento e a preparação de regiões e comunidades para participar no desenvolvimento nacional e global. No maior equilíbrio entre a população e os seus recursos, os programas de desenvolvimento da comunidade realiza-dos nas comunidades e no seu território orientam-se para os ideais universais: reduzir a pobreza, fomentar o progresso económico, a proteção ambiental e transforma atitudes não sustentáveis de produção e consumo.” (Gómez et al, 2007, 113, citado por Silva, 2012, 17).

Os resultados da intervenção comunitária não se dão apenas ao nível da própria comunidade, mas também a nível do país, visto que se as zonas mais pobres do país se estão a desenvolver, então o país irá também, de certa forma, desenvolver-se tanto na vertente sociocultural como económica.

“ (...) o fator económico é fundamental para o crescimento de uma comunidade e, por consequência, de uma sociedade, pois permitirá a aceleração e progresso de um país.” (Silva, 2012, 16).

Apesar de ser um factor importante na evolução do país, reduzindo assim, a pobreza e combatendo a exclusão social, não se deve esquecer as outras vertentes, como a cultural e a social que são igualmente importantes, sendo que a exclusão social não se mede apenas em aspectos económicos e financeiros, mas também em acessibilidade a recursos e formação e ainda, na capacidade de relações sociais, por exemplo.

Sendo o objectivo combater a pobreza e a exclusão social, deve-se, então, considerar todas as vertentes possíveis para que esse combate se dê a todos os níveis e duma forma geral, melhorando e desenvolvendo também todos os campos da comunidade onde se realiza a intervenção.

Em relação ao desenvolvimento comunitário local *“Destaca-se ainda, por fim, que a “principal característica original reside na organização do auto-esforço e da cooperação (...)”* (Gómez et al, 2007, p.104), reforçando o *Desenvolvimento Comunitário Local como um processo educativo e de organização. Neste sentido é*

nosso dever reforçar o papel que a Educação tem para melhorar a vida das pessoas e da comunidade.” (Silva, 2012, 19).

A educação é um factor muito importante, mas por vezes os indivíduos não se devem restringir à educação formal da escola e devem alargar os seus horizontes a outras formas de educação.

Anteriormente havia sido referido que a arte aproxima as pessoas com os mesmos gostos, encontrando nesse grupo algo em comum. Se se juntar esse conceito com as formas alternativas de educação abordadas em cima, chega-se ao conceito de educação pela arte.

Como também já foi mencionado, a arte por si só nem sempre leva à inclusão social e por isso se deve tentar encontrar métodos capazes de o fazer. A intervenção comunitária, através da arte e da sua educação poderá ser uma forma de inclusão social, combatendo todos os outros problemas que lhe estão adjacentes.

Sendo este método uma inovação social, é considerado também uma ferramenta de empreendedorismo social, pois tem em conta questões relacionadas com o mercado de trabalho e a sustentabilidade do projecto de modo a permitir aos residentes da comunidade uma melhor qualidade de vida.

O empreendedorismo social tem como principal objectivo, resolver precisamente o problema que tentamos combater, ou seja, certos problemas sociais, tendo em vista a inclusão dos indivíduos.

É, portanto, necessário compreender as diferentes formas de lidar com este assunto, tanto através do empreendedorismo e consequentemente através da arte, como possivelmente através dos eventos e do que lhes está associado.

2.2 - Inovação, Empreendedorismo Social e Capital Cultural

A evolução e mudança estão presentes em todo o nosso dia-a-dia e naquilo que nos rodeia sem que, muitas vezes, nos apercebamos. No entanto, à medida que os diferentes contextos sociais evoluem, é fundamental que a população consiga acompanhar, aproveitando as oportunidades que vão aparecendo e até mesmo criando novas,

mobilizando recursos já existentes para que estes não os limitem mas sim impulsionem (Stevenson, 2000, referido por Vieira, 2011).

Existem sempre pessoas dispostas a correrem os riscos inerentes à inovação, canalizando os recursos no seu melhor interesse e da sociedade, designados por empreendedores, surgindo assim o empreendedorismo como um processo que tem como objectivo, para além de aproveitar/criar oportunidades, implementar novos negócios e projectos que levem à inovação. Vai muito mais além do que ter ideias inovadoras. O que realmente traduz o empreendedorismo é a realização dessas ideias, adaptando-as à realidade social.

Fala-se em riscos inerentes à inovação pois sempre que há uma transformação partimos para algo novo, algo que não podemos afirmar que não irá ser um fracasso. Mas proibir o fracasso é matar a inovação, matar a inovação impede a obtenção de mais receitas o que, por sua vez, dificulta o crescimento e a resolução de grandes problemas sociais.

Mas segundo Peter Drucker (1970, referido por Vieira 2011) os empreendedores não vêm apenas os problemas que possam surgir da mudança, mas sim e, maioritariamente, as oportunidades criadas através desta. São pessoas criativas, que gostam do desconhecido e de descobrir formas de fazer a diferença nessa nova área.

No entanto, por vezes, pode-se confundir o empreendedorismo empresarial com o empreendedorismo social e é importante especificar que este último “ (...) *tem como principal missão a resolução de problemas sociais e o principal objectivo é a promoção e capacitação das pessoas para a criação de capital social, inclusão e emancipação.*” (Neto, 2002, citado por Vieira, 2011, p.17)

O empreendedorismo “ (...) *surge como resposta inovadora no combate às questões relacionadas com a integração no mercado de trabalho e no mercado social de emprego, potenciando a autonomia dos cidadãos.*” (Vieira, 2011, 15), criando valor para a comunidade onde se insere e combatendo a exclusão social.

Também em constante alteração está o conceito de empreendedor que tem vindo a ser alargado:

“Em síntese, o empreendedor social reúne atributos típicos do empreendedor tradicional - como criatividade e determinação -, aos quais se acrescenta a necessária

visão de sustentabilidade de um empreendimento tendo como parâmetros de actuação a eficiência e eficácia, com uma genuína motivação pessoal no sentido de mobilizar pessoas que se encontram abaixo do limiar de pobreza e/ou em situação de exclusão no mercado de trabalho, retirando-as da condição de dependência da caridade pública (...) e conferindo-lhes uma voz activa na construção de uma autêntica Economia Social.” (Oliveira & Natário, 2009, 25).

Igualmente, o conceito de inovação tem-se ampliado e consegue-se distinguir entre inovação tecnológica e inovação social, estando a primeira focada nas evoluções produtivas implementadas nas empresas e a segunda centrada nas relações sociais e nas suas transformações.

Contudo, estes dois conceitos estão cada vez mais interligados uma vez que a crise económico-social originou novos problemas a nível social, obrigando, portanto, a novas formas de resolução, sendo muitas vezes necessário o apoio da tecnologia das grandes empresas. Assim, surge a inovação como ferramenta de transformação utilizada pelos empreendedores sociais: *“a inovação cria uma nova riqueza e destrói a antiga. Quem cria a nova e destrói a antiga riqueza são os empreendedores. Simultaneamente destroem o antigo e constroem o novo.”* (Leite, 2006, citado por Vieira, 2011, 22).

Esta citação pode referir-se tanto aos empreendedores sociais como aos empresariais, sendo que *“Os empreendedores sociais estão igualmente preocupados com ambos os limiares críticos, o que significa que eles devem analisar simultaneamente o impacte social e a viabilidade financeira de cada produto ou serviço”* (Jerr Boschee, citado por Jeantet, 2002, citado por Oliveira Natário, 2009, 25).

Assim, é fundamental que o sector sem fins lucrativos seja tido em conta pelo sector empresarial para que se possa actuar ao nível das questões sociais que normalmente são deixadas para trás por se minimizar a sua importância, uma vez que não iriam dar qualquer lucro. O que não está totalmente correcto, pois quando se fala em lucro nem sempre tem de ser monetário e pode-se referir a lucro “social”, ou seja, àquilo que se ganha dentro da sociedade: inclusão e reinserção social. Por outro lado, pode de facto levar a algum ganho monetário, uma vez que se tenta diminuir a pobreza.

Como Richard Branson afirma: *“No matter what the structure of the company -- whether it is for-profit, nonprofit or a creative melding of the two -- entrepreneurial*

solutions are offering engagement, jobs and hope in areas where we had none.” (Branson, 2013).

Por essa razão, *“Business and government must encourage established entrepreneurs and young talent to focus on problem areas like health, education, climate change and social care.”* (Branson, 2013), havendo, porém, três obstáculos que os empreendedores sociais enfrentam.

O primeiro é a falta de fundos necessários para poderem prosseguir com as suas ideias. É fundamental que as grandes empresas com possibilidades de financiamento acreditem e queiram investir nos projectos sociais que poderão ser lucrativos, de diferentes maneiras, para cada um.

O segundo é a falta de entendimento entre os responsáveis pelas organizações sociais e os gestores de negócios de tecnologia, devendo criar-se eventos de networking e conferências de modo a facilitar este diálogo.

O último diz respeito à falta de um mentor capaz de direccionar os novos empreendedores. Alguém com mais experiência e que saiba como ultrapassar os diferentes obstáculos que vão aparecendo.

Com a participação e ajuda por parte das grandes empresas, assim como dos governos, é possível ultrapassar estes três obstáculos.

“É com o aumento sucessivo dos problemas sociais que a inovação social começa a ganhar força nas agendas políticas e a crise económico-social que o mundo atravessa exige um grande esforço para resolver todos estes problemas. É aqui que a inovação social poderá afirmar-se ao encontrar novas soluções ou reinventando as actuais para resolver os problemas e necessidades sociais. É necessária habilidade para inovar rapidamente, pois esta será a componente vital da área social e a principal causa do bem-estar social” (Vieira, 2011, 21).

Outro aspecto igualmente essencial é compreender que a capacidade empreendedora não é totalmente inata e que para ser desenvolvida os indivíduos devem ser estimulados a reagirem às mudanças da sociedade através dos estabelecimentos de ensino. Para que tal seja possível, o próprio ensino deve ser desenvolvido e alterado no sentido em que apenas com a estrutura actual tal estímulo não será possível.

O ensino actual baseia-se naquilo que é “suposto” aprendermos para podermos ter um futuro que nos garanta estabilidade a nível financeiro. Tudo o que é considerado secundário não se encontra nos planos de estudo, mas sim em actividades extra que as pessoas podem escolher se decidirem pagar mais por isso.

Isto tem uma consequência bastante grave. Se o próprio ensino vê as artes e as questões sociais como uma actividade secundária, dificilmente serão consideradas profissões todas estas “actividades extra”, sendo que quem não tem possibilidades financeiras terá dificuldades em seguir uma dessas profissões.

Assim, entende-se que desde o ensino básico existe uma forma de exclusão social, uma vez que os indivíduos que queiram escolher a arte ou o empreendedorismo como carreira têm de optar por aulas extracurriculares até um certo grau académico.

Assim sendo, uma vertente que deveria ser incluída no programa de ensino e que desperta o indivíduo para as acções sociais, é a arte. A arte em qualquer forma faz com que as pessoas sejam criativas e inovadoras, o que se reflecte na maneira como lidam com as transformações do mundo.

“Se cabe à escola formar aqueles que serão os protagonistas do futuro, (...) então como educadores, devemos proporcionar-lhes antes de mais, o acesso ao conhecimento da arte, dentro da perspectiva da diversidade de culturas (...)” (Pinto, 2005, 199).

Claro que a arte é apenas uma das muitas ferramentas do empreendedorismo social e formas de inovar, mas é tão vasta que é considerada uma excelente maneira de estimular o nosso pensamento.

Para fundamentar melhor esta teoria, é essencial que se compreenda ainda o conceito de capital cultural:

“Capital cultural indica acesso a conhecimento e informações ligadas a uma cultura específica; aquela que é considerada como a mais legítima ou superior pela sociedade como um todo. Uma das características consideradas típicas do grupo dominante é conseguir se legitimar e legitimar sua cultura como a melhor, i.e., a que tem valor simbólico. Também a classe dominante teria o poder de delimitar as informações que serão ou não incluídas no conjunto das informações legítimas.” (Bourdieu, P. 1979, citado por Silva, 1995, 27)

É, então, também necessário compreender que “Cultural capital can exist in three forms: in the *embodied* state, i.e., in the form of long-lasting dispositions of the mind and body; in the *objectified* state, in the form of cultural goods (pictures, books, dictionaries, instruments, machines, etc.), which are the trace or realization of theories or critiques of these theories, problematics, etc.; and in the *institutionalized* state, a form of objectification which must be set apart because, as will be seen in the case of educational qualifications, it confers entirely original properties on the cultural capital which it is presumed to guarantee.” (Bourdieu, 1986).

“Bourdieu utiliza o conceito de capital cultural com enorme ambigüidade e abrangência, servindo para indicar todas as maneiras em que a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida dos indivíduos.” (Silva, 1995, 25).

A cultura aparece assim como mecanismo de mudança social, adquirindo uma independência em relação às outras dimensões de classe, uma vez que esta, por si só, colabora para determinar a posição social de indivíduos ou grupos.

Bourdieu refere-se à “trajectória social de grupos” ou a “trajectórias individuais” que podem expressar os combates de novos grupos ou em declínio ou, ainda, os esforços de indivíduos que procuram escapar ao declínio em que a sua classe se dirige. (Bourdieu, P. 1979, referido por Silva, 1995).

Isto deve-se ao facto de alguns indivíduos quererem melhorar as suas condições de vida e lutarem por isso, revoltando-se, por vezes, contra o Estado, existindo outros grupos que se conformam e submetem às classes dominantes.

Sendo o capital cultural uma forma de acesso à cultura, são necessários outros tipos de capital para que este acesso seja possível:

“O capital cultural assim considerado por Bourdieu, no sentido estratégico, é ainda, basicamente, um mecanismo reprodutor das condições sociais reforçado pelas suas ligações com as outras formas de capital: o capital social, o económico e o simbólico.” (Silva, 1995, 27).

A cultura volta a aparecer como sendo essencial na vida dos indivíduos perante a sociedade, demonstrando mais uma vez, a importância de a abordar, assim como a arte, numa perspectiva de inclusão social

2.2.1 - Educação pela arte

“What I have in my own mind is a complete fusion of the two concepts, so that when I speak of art I mean an educational process, a process of upbringing; and when I speak of education I mean an artistic process, a process of self-creation” (Read, 1966, citado por Cannatella, 1992, 3). Howard Cannatella (1992) refere que um dos desafios de Herbert Read tem sido provar que a educação deveria ser sinónimo de arte, identificando os valores estéticos com os valores da vida, acreditando, contudo, que a sociedade precisa mais de arte do que está preparada para receber.

A educação através da arte permite que a humanidade veja e se entregue ao mundo de uma forma mais cooperativa, inteligente e inclusiva, pois ensina outros valores que a chamada educação normal não permite. E tal como todos os valores, deve-se começar desde cedo a transmiti-la às crianças, uma vez que, *“(…) children are infinitely capable of registering all manner of things, and detaching from these things their ‘true’ shape so that their way of looking, and experiencing reflects other meanings, and feelings, creative fictions for the ‘true’ shape of things.”* (Cannatella, 1992, 3).

Read (1996) também afirma que esta educação facilita a necessidade psicológica de sentir, assim como a capacidade de imaginar, a espontaneidade, a intuição e o julgamento. Se as crianças tiverem a arte presente nas suas vidas, é provável que esses sentidos as acompanhem na sua vida adulta e desenvolvam preocupações com a sociedade no geral e com questões que muitas vezes ficam esquecidas, como o empreendedorismo social.

Tudo isto deve-se ao facto de a arte possuir instinto humano e temperamento inato, podendo receber tanto o lado bom do mundo - a beleza e a felicidade -, como o lado mau - crueldade e sofrimento.

Assim, a arte está presente em tudo o que fazemos para satisfazer os nossos sentidos e é uma forma de o homem expor os seus sentimentos e emoções, não os guardando para si, o que muitas vezes é a causa de desentendimentos e não permite o desenvolvimento no geral.

A educação estética, não só impede problemas educacionais, como também *“(…) can help it reconstruct and see differently what is being portrayed, indicating perhaps what*

can go amiss; bringing the distance between measurement and non-measurement closer together.” (Cannatella,1992, 3).

É fundamental perceber que a arte não actua apenas a nível académico, mas também a nível das relações sociais. Uma vez que as pessoas são afectadas pela arte na forma como vêem o mundo e nos seus sentidos, também serão afectadas nas suas relações com os outros, tendo mais discernimento para saber lidar com diversos tipos de situações.

Para além da arte aprofundar o mundo social e moral, pode também aprofundar o mundo administrativo e económico, de modo a cultivar o bem-estar da sociedade.

Resumindo, a arte permite que as pessoas expressem as suas sensações através da sua criatividade e leva a uma sociedade mais cooperante, no sentido em que as pessoas são mais interessadas por questões sociais, tal como a reinserção social e o combate à pobreza e à exclusão social.

A educação que nos é imposta, orienta-nos a seguir o caminho que nos leve a grandes empresas e ao lucro, beneficiando a economia e o estado do país, enquanto a arte nos leva ao caminho da nossa satisfação pessoal e preocupação com outros assuntos igualmente importantes para o mundo, mas que, por não gerarem o lucro instantâneo e visível, são ignorados. Contudo, são estes outros campos que podem levar a uma evolução a longo prazo da nossa sociedade.

Tal como Silva refere, partindo do princípio que nos inserimos numa sociedade democrática, a educação deve ter como objectivo essencial o desenvolvimento pessoal (Silva).

Sendo a arte um tema tão controverso, há quem ainda não concorde, nem entenda, como pode esta ser importante para os desenvolvimentos pessoal e profissional, mas há também quem defenda que o hip-hop, sendo uma forma de arte, pode ser bastante influente.

O lado direito do cérebro lida com os aspectos criativo, emocional, artístico, intuitivo e sensorial, e o lado esquerdo com as questões intelectual, académica, crítica e técnica, existindo uma ligação entre os dois lados no que diz respeito ao hip-hop.

Quando se usa músicas, mais especificamente, Rap, para comunicar uma mensagem, utiliza-se ambos os lados do nosso cérebro. Música, imaginação e ritmo, por exemplo,

utiliza-se o lado direito; palavras e lógica, o lado esquerdo. Resumindo, o cérebro é usado na sua totalidade, ajudando a lembrar mais aquilo que foi comunicado, uma vez que foram utilizadas mais capacidades do cérebro no processo (Jackson).

Tal como no Rap, isto pode ser aplicado a outras vertentes do hip-hop, como a dança e o graffiti, utilizando sempre a parte criativa em conjunto com a parte lógica. Comprova-se que a arte é uma excelente forma de aprendizagem, pois consegue ensinar algumas das mesmas questões ensinadas na escola habitual, de forma criativa, sem que os próprios alunos se apercebam.

Muitas vezes, quando se fala em escola, vê-se a mesma apenas como uma actividade obrigatória e não como uma actividade importante e interessante, quando devia ser o contrário. Assim como quando se fala em professores, pensa-se em alguém que nos obriga a aprender uma série de coisas que, por vezes, não consideramos importantes.

Através da arte, o ensino pode ser feito com o mesmo intuito, mas através duma abordagem diferente, o que poderá levar a uma outra atitude dos alunos perante a escola, tendo como consequência uma visão diferente perante a vida.

“o que se pretende hoje é que todo e qualquer indivíduo seja participante não só como intérprete e criador de mensagens, mas interveniente na qualidade de vida.” (Barret, citado por Pinto, 2005, 94) tendo sempre uma palavra a dizer e uma atitude a tomar de modo a combater os problemas sociais que vão aparecendo ao longo do tempo.

Normalmente, a cultura hip-hop preocupa-se com questões relacionadas com a pobreza e os problemas sociais, pois surgiu da rua e tem como objectivo mostrar que há outras formas de lutar, sem ser de forma conflituosa, como por exemplo, através da dança e das suas competições a que se dá o nome de *Battle*. Assim sendo, pode-se dizer a arte é uma forma de educação e de combater certos problemas sociais.

Para além de a arte ser uma excelente forma de aprendizagem, é também uma óptima forma de comunicação. Para que diferentes indivíduos se entendam é necessário que falem a mesma linguagem, pois o contrário poderá ser um problema.

Sendo, então, a arte uma forma de comunicação, tem a capacidade de transmitir a mesma mensagem a todos, podendo ainda atenuar tanto distâncias temporais como

relacionais. Desde forma, é possível dizer que a arte terá a aptidão de responder positivamente à existente diversidade cultural. (Pinto, 2005).

A arte permite, assim, que pessoas que falem linguagens diferentes encontrem uma linguagem em comum que lhes permita comunicar entre elas sem barreiras, surgindo, desta forma, as classes criativas.

2.2.2 - Classes Criativas

É importante que se invista no conjunto de pessoas criativas, cheias de talento e com uma elevada educação, ao qual se dá o nome de classe criativa, sendo apenas o nome pelo qual os outros os designam, pois estes não se intitulam desta forma.

As suas preferências e o seu modo de vida não se alteram à medida que vão envelhecendo e normalmente, as classes criativas concentram-se em certos locais onde sentem que podem desenvolver as suas capacidades artísticas.

“The ability to rapidly mobilize talent from such a concentration of people is a tremendous source of competitive advantage for companies in our time-driven economy of the creative age.” (Florida, 2003, 5).

Estes locais são mais receptivos a novos talentos que geralmente vêm acompanhados de novas culturas e novos costumes. Contudo, nem todos aceitam a entrada de novas culturas na sua localidade, por temerem que possa vir a alterar o seu modo de vida.

No entanto, é necessário que haja pessoas tolerantes que o permitam e aceitem, para que possa existir uma evolução do local, tanto cultural, como económica e até tecnologicamente, permitindo uma inovação social. É muito importante a evolução da vertente tecnológica, pois permite o desenvolvimento de muitos outros planos importantes para o local.

Associando a tolerância com o talento e a tecnologia, chegamos à teoria dos três Ts do desenvolvimento económico de Richard Florida: *“(…) talented individuals are drawn to places that offer tolerant work and social environments.”* (Florida, 2003, 10).

Existindo tanta diversidade, é mais fácil os indivíduos conseguirem integrar-se num novo local, onde as pessoas são tolerantes e se aceitam como são, não discriminando e sentindo que pertencem a algum grupo.

Cada vez é mais raro as pessoas fazerem parte de algum grupo cívico e Putman (2000, referido por Florida, 2003) acredita que uma comunidade consciente dos seus deveres cívicos é fundamental para a prosperidade.

Para que possa existir uma rápida evolução de um local, Richard Florida afirma: “(...) *places grow not just through higher birth rates (...), but by their ability to attract people from the outsider.*” (Florida, 2003, 10).

Contudo, a imigração é particularmente importante nas cidades mais pequenas, sendo associada ao desenvolvimento de alta tecnologia e ao crescimento da população, mas não tanto à inovação.

Os indivíduos não são atraídos apenas pela diversidade cultural/social, mas também pela tecnologia dessa região. Quanto mais desenvolvida for, mais probabilidades têm de conseguir desenvolver o seu trabalho e de inovar cada vez mais.

Isto faz com que toda essa região também se desenvolva, pois à medida que as pessoas desse local e o seu trabalho evoluem, toda essa zona irá também evoluir, por consequência. Isto é, por um lado, a tecnologia atrai novos indivíduos, por outro lado esses novos indivíduos irão desenvolver a tecnologia através do seu trabalho.

É através das classes criativas e dos seus eventos dinamizadores, que surgem as cidades criativas, cheias de talento e oportunidades para novos artistas, formando os nichos de mercado, ou seja, “(...) *um segmento de mercado constituído por um reduzido número de consumidores com características e necessidades homogêneas e facilmente identificáveis.*” (Nunes, 2007).

Estas novas oportunidades ajudam a combater a pobreza no sentido em que criam novos postos de trabalho, permitindo que se envolvam também socialmente no ambiente dessa cidade.

Os eventos poderão ser considerados como uma das formas da comunicação artística se manifestar. Neste caso, eventos culturais que englobem uma diversidade enorme de tipos de arte e que permitam comunicar e abordar uma série de questões sociais.

Um modo de inovação social são os eventos culturais como uma ferramenta de empreendedorismo social utilizando a arte como forma de comunicação.

2.3- Estratégia de Combate à Exclusão Social através dos Eventos

Para além dos eventos terem uma grande capacidade atractiva, poderão funcionar como um outro tipo de estratégia no que diz respeito ao combate à pobreza e à exclusão social.

Sendo eventos culturais e artísticos, envolverão, como já foi referido, pessoas bastante diversas e com o gosto pela arte. Estes eventos, para além de dinamizarem o local em questão proporcionando-lhe mais movimento e novos contactos, permitem que as próprias pessoas desse local se possam envolver na organização do evento.

“(...) culture-led urban regeneration endeavours usually require close collaboration among the wide range of actors involved in the management of such locations, belonging to the private, public and voluntary sectors. That collaboration takes place in networks of relations immersed in the local context, and the network discourse is what links urban space and cultural activities, when analysing the value creation processes in local areas.” (Paiola, 2008, 514, 515).

Novos postos de trabalho seriam criados de modo a responder às necessidades do evento, melhorando as condições de vida de cada um dos trabalhadores, entrando assim no mercado de trabalho e criando uma nova rede de contactos. Também no âmbito de criar as condições fundamentais para a possível realização do evento, é essencial que toda a cidade tenha as estruturas e serviços indispensáveis para tal, sem comprometer o bem-estar dos residentes.

“Thus cultural activities (...) contribute to the regeneration and renewal of redundant buildings and depressed urban areas and are often at the forefront of regeneration of territories and place-marketing strategies (Bagwell, 2008), offering the potential to meet wider inclusion and diversity goals.” (Paiola, 2008, 515).

Assim, estes locais que muitas vezes são considerados mais pobres e sem muitas condições sendo, portanto, pouco visitados, ganham uma nova dimensão com a dinamização destas actividades culturais, através dos eventos.

“In such a climate, cultural events in particular have emerged as a valuable tool for giving (or adding) life to city streets and enhancing the image of the city both as a community entity—renewing citizens’ pride in their home city—and as a destination.” (Paiola, 2008, 515).

Também é de considerar o facto de estes eventos poderem ter como objectivo a angariação de fundos para o próprio local, com o intuito de melhorar as condições da zona e do nível de vida da população residente.

Mais uma vez, os próprios residentes estariam a trabalhar para melhorar o seu próprio local de residência ao mesmo tempo que dinamizam a sua cidade, combatendo a exclusão social e a pobreza.

Para que tudo isto seja possível, é necessário a colaboração de um conjunto de actores essenciais na participação da organização destes eventos. Para além dos artistas e organizações culturais locais, e do capital social e humano local, é necessário que as entidades públicas participem no processo, assim como os produtores de bens e serviços tanto locais como externos. Uma vez que é sempre difícil arranjar financiamento para este tipo de actividades, é importante contar com o apoio de fundações e outros tipos de financiadores.

Resumindo, esta estratégia de utilizar os eventos como ferramenta de combate à exclusão social e à pobreza, tem três possíveis abordagens: como forma de dinamizar o local tornando-o mais receptivo ao público; como maneira de envolver os residentes na organização do evento inserindo-os no mercado de trabalho; como modo de angariação de fundos para o próprio local.

A aplicação de actividades culturais como forma de desenvolvimento urbano e revitalização de locais mais abandonados tem sido utilizada em diferentes países para vários objectivos mais específicos.

“Current trends, all over the world, suggest that culture will play an increasingly important role in the future of cities. Of particular significance among these trends have been the following: culture-based redevelopment of urban space and global branding of cities; cultural heritage preservation, including as a means of marketing cities abroad; and the development of urban cultural industries and districts.” (Zukin, 2004, 7).

Os objectivos particulares de cada cidade podem variar, tendo sempre um objectivo geral relacionando-se com a dinamização do local através da cultura e da arte. De modo a entender melhor quais os motivos e de que forma realmente se utiliza a cultura para combater alguns dos problemas sociais, apresenta-se alguns casos onde diferentes medidas foram utilizadas e onde o resultado foi positivo.

“In the 1970s, under President Georges Pompidou, the French Government decided to create a new museum of contemporary art in the centre of Paris, in the historic tradition of the “grands projets” set 200 years earlier by the Louvre, in order to demonstrate that the country had not lost its creative edge. This strategy had an educational as well as a promotional goal.” (Zukin, 2004, 8).

Desta forma, este museu iria alcançar os jovens que viveriam em piores condições e iria incentivar a sua criatividade, mas também teria a função de ligar essa criatividade ao design industrial e estimular a inovação em vários outros campos.

“Yet the Government envisaged the museum as not only revitalizing French creativity, but also as stimulating the redevelopment of a dilapidated part of the inner city. (...) With its boldly modern architecture, and the crowds of young people, both local and tourists, who came to ride the external elevators and congregate outside, the spectacular museum, immediately, infused this area with fresh cultural capital. Beaubourg quickly became a world-class tourist attraction and as potent a symbol of Paris as the Eiffel Tower. The Centre Pompidou’s success in “branding” Paris strongly suggested that large investments in flagship cultural projects could revitalize a city’s economy and reputation.” (Zukin, 2004, 8).

Aquilo que muitas vezes pode começar por ter apenas um objectivo, pode acabar por ter vários impactos positivos a vários níveis, inclusive para a economia dessa cidade e por consequência do país.

Outro país onde também foi implementado um projecto de apoio às artes como forma de desenvolvimento dum local, é Singapura.

“Singapore in the 1990s decided to build the Esplanade, a new cultural complex for the performing arts. The focus was on creating large-scale facilities to host touring foreign artists. But this policy overlooked the city’s own considerable pool of talent. For all

their liveliness and energy, native artists, musicians and theatrical performers lacked products that would attract a large, multinational audience.” (Zukin, 2004, 8).

Atraindo mais audiência para este local, no sul de Singapura, iria também atrair a atenção dos media multinacional e ainda, empresas também multinacionais que teriam interesse em investir neste projecto. Seria, então, importante que os próprios Singaporenses apoiassem estes eventos impulsionando a evolução artística, uma vez que, mais tarde, iriam ver o impacto positivo ocorrido na cidade.

Ao analisar estes diferentes projectos em países tão distintos, é possível compreender que em qualquer local é possível combater a exclusão social, assim como, potencializar o desenvolvimento urbano através de estratégias culturais, apoiando eventos artísticos.

Estas medidas estratégicas podem realizar-se tanto em grandes cidades, como é o caso de Paris, como em cidades mais pequenas e esquecidas, como ocorreu no sul de Singapura. No primeiro, pretende-se dinamizar a capital de um país de modo a envolver cada vez mais os cidadãos na questão da arte, potencializando o surgimento de novos talentos que poderiam não ter a oportunidade de entrar no mercado de trabalho e por isso, se encontram excluídos da sociedade. Por outro lado, dinamiza a cidade e poderá atrair novos investimentos, uma vez que existem novas áreas a serem exploradas.

No segundo caso, o primeiro objectivo era atrair artistas do exterior, mas rapidamente serviu para mostrar a quantidade de talento que já residia naquela área e que apenas precisava de meios para poder demonstrar o seu potencial e conseguir oportunidades. Mais uma vez, a arte promove a inclusão social pois existem pessoas a investirem nos artistas até agora desconhecidos, fazendo-os não só entrar no mercado de trabalho, mas também serem reconhecidos pela sociedade.

Tendo os eventos várias formas de combater a exclusão social, estes são apenas alguns dos casos onde já foram utilizados como estratégia de empreendedorismo social facilitando a inclusão social.

Os eventos permitem tanto dar a conhecer novos talentos, atracções e culturas, como também dinamizam o local de modo inclui-lo na sociedade, conseguindo ainda, novos financiamentos que proporcionam o desenvolvimento contínuo do local em questão, combatendo não só a exclusão social, como também a pobreza.

3 – Da Exclusão à Inclusão Sociocultural: Desafios Metodológicos

É importante fazer a distinção entre metodologia e método, sendo que a primeira diz respeito ao conjunto de métodos e o segundo à ferramenta utilizada para investigar uma determinada realidade (Silva, Barros, Nogueira & Barros, 2007).

3.1 – Histórias de Vida

Neste caso, o método utilizado designa-se por histórias de vida e foi posto em prática a dois indivíduos com histórias muito diferentes, de modo, a conseguir entender como vidas diferentes podem, por vezes, obter resultados semelhantes.

3.1.1 - Conceito

O método de histórias de vida insere-se no conceito de metodologias qualitativas e “ (...) *objetiva apreender as articulações entre a historia individual e a historia coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social.*” (Silva et al., 2007, 25).

Este método tem como particularidade o vínculo entre o sujeito e o pesquisador, o que não o invalida nem o desvaloriza como método científico, podendo servir tanto como documento ou como técnica de captação de dados.

Sendo um método científico, é fundamental que se aborde o conceito de ciência. Segundo Goldenberg (2000, citado por Silva et al., 2007, 26) “*a ciência é um conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, obtido através da observação e da experiência; (...) é um corpo de conhecimentos sistemáticos, adquiridos com um método próprio, em um determinado meio e momento.*”.

A metodologia utilizada pode ser qualitativa ou quantitativa, dependendo dos resultados que se propõe atingir e, tendo cada um, formas diferentes de obter os conhecimentos pretendidos.

De acordo com Paulilo, (1999, citado por Silva et al., 2007, 27) “ (...) *ambas são de natureza diferenciada, não excludentes, e podem ou não ser complementares uma à outra na compreensão de uma dada realidade. Se a relação entre elas não é de continuidade, tampouco elas se opõem ou se contradizem. Somente quando as duas abordagens são utilizadas dentro dos limites de suas especificidades é que podem dar uma contribuição efetiva para o conhecimento (...)* ”.

Pelo facto de ser uma metodologia qualitativa, surgem diversas críticas em relação à sua objectividade, pelo que é importante compreender que esta não pretende substituir a metodologia quantitativa no que diz respeito ao aspecto distributivo, mas destaca-se pela sua relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, preocupando-se com questões das ciências sociais.

A Escola de Chicago aparece como um movimento ligado à sociologia e à psicologia social e “*Segundo Goldenberg (2000), a pesquisa da escola de Chicago teve a marca do desejo de produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos enfrentados no cenário da cidade de Chicago, naquele período.*” (citado por Silva et al., 2007, 30).

É então fundamental “*preservar a integridade do mundo social para poder estudá-lo, e levar em conta o ponto de vista dos agentes sociais, pois é através do sentido que atribuem a objetos, indivíduos e símbolos que os rodeiam, que eles fabricam seu mundo social*” (Coulon, 1995, citado por Silva et al., 2007, 30).

O método de histórias de vida permite não só o acesso ao indivíduo como também à realidade social onde viveu e vive, possibilitando não só o conhecimento do sujeito como de todo o contexto social dessa época.

3.1.2 – Tendências e Perspectivas

No que diz respeito ao método de histórias de vida existem duas tendências bastante importantes: a Americana e a Europeia. A primeira baseia-se na autobiografia, sendo o próprio sujeito que escreve a sua história podendo recorrer a documentos pessoais. A segunda é baseada nas narrativas pessoais feitas por terceiros.

Existem assim dois tipos de história de vida. A biografia directa relaciona-se com a tendência americana em que a própria pessoa decide fazer a sua própria biografia devido à sua motivação interior. Na biografia indirecta existe uma segunda pessoa que escreve a biografia fazendo questões ao sujeito. Neste segundo caso, o narratário acaba por ser co-autor da história, uma vez que intervém no desenrolar da mesma.

Para além destes factores, este método pode ser feito a uma só pessoa ou a múltiplas pessoas. Neste último tipo, podem-se distinguir histórias de vida paralelas e histórias de vida cruzadas. A primeira refere-se a um mesmo acontecimento social ou época, onde se realizam várias histórias de vida em que cada sujeito dá o seu parecer sobre esse assunto. Na segunda realizam-se várias histórias de vida a diferentes sujeitos onde cada um conta não só a sua história, mas também a dos outros entrevistados.

3.1.3 – Objectivos e Procedimentos

“Gaulejac (2005) aponta que o objetivo do método da história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da história de vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte. Isto nos mostra a faceta do mundo subjetivo em relação permanente e simultânea com os fatos sociais.” (Barros e Silva, 2002, citado por Silva et al., 2007, 31).

Isto significa que através duma pessoa podemos ter acesso a realidades sociais num determinado contexto e numa época específica, de acordo com as suas vivências.

Para além disso, ainda oferece ao sujeito que relata a sua história, uma oportunidade de voltar a experimentá-la, revivendo o significado que esta teve para ele, tendo uma dimensão terapêutica.

“A história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto, talvez, a observação participante, pode dar um sentido à superexplorada noção de processo” (Becker 1999, citado por Silva et al., 2007, 31, 32).

É também um esforço no sentido *“de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante”* (Paraná, 1996, citado por Silva et al., 2007, 32).

Assim, permite uma abordagem histórica mais democrática, fazendo ouvir não só aqueles que se encontram num nível social mais elevado mas precisamente aqueles que por diversas razões, não se puderam manifestar quando mais necessitaram, podendo desta forma, fazer uma caracterização mais correcta da evidência social.

Criando o vínculo entre o sujeito e o pesquisador, cria-se também uma ponte entre o social e o individual, sendo muito importante a ligação de confiança entre ambos.

“Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista. Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro.” (Bosi, 1999, citado por Silva et al., 2007, 32).

Este vínculo nasce da vontade do sujeito de partilhar a sua história de vida, começando por contar da maneira que achar melhor através duma entrevista não-estruturada.

O método vai-se desenvolvendo através da interlocução, ou seja, da relação que se vai estabelecendo entre os dois actores, criando a confiança necessária para que o sujeito conte abertamente a sua vida.

No entanto, *“A história de vida não pode ter um sentido, mas sim vários – na concepção de Pierre Bordieu - o relato não corresponde necessariamente ao real, a vida não é uma história. O que importa é o sentido que o sujeito dá a esse real, de forma que o momento de análise posterior dê conta do indivíduo como social.”* (Silva et al., 2007, 32). O indivíduo faz uma produção de si mesmo e não a sua apresentação.

Mais uma vez, ao contar a sua história, o sujeito não relata apenas a sua vida mas também do meio social onde viveu e das suas experiências, levando o pesquisador a ter conhecimento sobre a cultura e meio social dessa altura, *revelando “ (...) que por mais individual que seja uma história, ela é sempre, ainda, coletiva, mostrando também o quão genérica é a trajetória do ser humano.”* (Silva et al., 2007, 34).

Sendo que um relato é sempre dirigido a alguém, existe uma dimensão dual neste método, pois também existe um efeito provocado em quem ouve os relatos, neste caso, o pesquisador e por isso existe um vínculo tão forte entre este e o sujeito que partilha a sua história.

4 – Estudo de Caso: Joe Gray Events

4.1 – Apresentação do Estágio

O estágio curricular foi realizado na *Joe Gray Events*, sediada em Londres (Reino Unido) com a duração de 950 horas e teve como objectivo a realização de um estudo sobre como os eventos poderão ser um meio de combate à exclusão social e redução da pobreza, podendo ser um mecanismo de empreendedorismo social.

4.1.1 - Caracterização da Entidade de Estágio

A empresa *Joe Gray Events* existe desde 2011 em Londres e tem como principal objectivo satisfazer as necessidades dos seus clientes, preocupando-se sempre em ser original e diversa com cada um dos seus clientes. Os serviços desta empresa vão desde o catering para o evento e aulas privadas de culinária, até à produção e organização de eventos.

No que diz respeito ao *catering*, Joe Gray preocupa-se sempre em criar refeições saudáveis, tentando inculcar um hábito de alimentação saudável aos clientes, tendo sempre em atenção os gostos e restrições alimentares de cada um.

É uma empresa consideravelmente pequena mas tem vindo a expandir-se no mercado e a conquistar cada vez mais clientes, tais como, *Lacoste* e *Microsoft*, que fazem agora parte dos clientes permanentes da empresa.

Tanto organiza grandes eventos para estes clientes, como eventos de pequena dimensão e mais constantes para outros clientes, tais como *DECODED*, que precisam várias vezes do seu serviço. São estes clientes fiéis à empresa que proporcionam o bom funcionamento desta.

Para além deste tipo de eventos, existe também quem necessite de serviços para as suas festas privadas, como aniversários, jantares e até casamentos. Neste caso, Joe Gray é responsável tanto pelo catering como pelo planeamento e organização de todo o evento, tendo de contactar com todos os fornecedores necessários. Também neste caso, pretende sempre criar conceitos inovadores para o evento em questão, de modo a que seja único.

Joe Gray Events cuida de cada um dos seus eventos de forma diferente dando-lhes a sua importância e exclusividade para que todos os seus clientes fiquem satisfeitos.

Joe Gray é o dono da empresa e o principal cozinheiro da empresa, tendo outros excelentes cozinheiros e funcionários a trabalharem com ele, permitindo-lhe, assim, expandir cada vez mais a sua empresa e trabalhar com mais clientes.

4.1.2 - Actividades Desenvolvidas

Ao longo dos 7 meses de estágio na *Joe Gray Events*, foram-me atribuídas diversas responsabilidades que foram tendo um grau cada vez mais importante à medida que fui aprendendo mais sobre a empresa e o mercado.

Sendo uma empresa pequena, pude trabalhar com todos os membros desta, podendo também contribuir para todo o processo de organização de um evento.

Inicialmente foi-me pedido que fizesse uma pesquisa de mercado de modo a encontrar pontos fortes e pontos fracos na empresa, ficando também a conhecer melhor não só o mercado mas também a própria empresa. Deste modo, indiquei à empresa alguns pontos a melhorar, tais como, a abordagem que costumam utilizar de forma a angariarem novos clientes.

Sendo assim, numa segunda fase, a minha responsabilidade foi preparar diversas apresentações para clientes, com o objectivo de atrair novos clientes para a empresa e perspectivas de expansão.

Todo o trabalho de escritório necessário ao bom funcionamento tanto da empresa como de um evento fez parte do meu estágio: inventário de materiais que podemos usar em eventos; orçamentos para eventos considerando o dinheiro da empresa; pesquisa de fornecedores; contactar clientes; marketing, fazendo flyers em Photoshop e escrevendo *Press Release* para eventos.

A presença em alguns eventos da empresa foi fundamental para um melhor entendimento do processo de gestão e organização no dia do evento.

Mas principalmente pediram-me para organizar um evento, que poderia ser considerado como o meu projecto final. Um evento de angariação de fundos para possibilitar a

criação de uma fundação de caridade ligada à empresa, para ajudar ex-reclusos a voltarem ao mercado de trabalho.

Estive presente em todas as etapas do processo de organização deste evento, desde a pesquisa de fornecedores, tentando encontrar tudo ao mais baixo custo para fazer o orçamento, até ao marketing do evento e as variadas formas de o publicitar. Fiz o *flyer* para o evento, aprendendo a utilizar o Photoshop e escrevi o *press release* para enviar para os jornais, com a ajuda de um superior.

Também estive bastante envolvida em toda a logística do evento, desde a escolha do local até aos detalhes de como o evento se iria realizar no próprio dia para uma boa organização e segurança. *Brick Lane*, mais especificamente um parque de estacionamento, foi a escolha do local, relacionando-se com o tema do evento na perfeição, sendo um lugar muito diversificado e sempre com novos eventos. Realizámos várias idas ao local para perceber onde seriam as saídas de emergência e onde iríamos colocar todos os materiais necessários ao evento, mantendo a segurança do público.

Foi um processo lento e difícil de obter respostas, mas com a ajuda dos meus superiores foi possível continuar e realizar um evento bastante diferente.

No dia do evento, tive sempre no local, confirmando que tudo decorria como previsto e resolvendo os pequenos imprevistos que foram acontecendo ao longo do evento.

Assim, este evento vai ao encontro do meu objecto de estudo, de utilizar os eventos como forma de combater a exclusão social, uma vez que muitos ex-reclusos encontram variadíssimas dificuldades para voltarem ao mercado de trabalho.

4.2 - Resultados

Relacionando o método de histórias de vida com os conceitos abordados anteriormente sobre empreendedorismo social e educação através da arte, como forma de combate à pobreza e à exclusão social, realizou-se uma entrevista não-estruturada a alguém que, através da arte (seja ela qual for) conseguiu combater os problemas sociais e ter uma oportunidade de entrar no mercado de trabalho.

O fundamental é perceber o que fez despoletar o interesse por essa arte no meio onde vivia e como isso o ajudou de facto a melhorar as suas condições de vida. Deve-se entender também todo o processo e ferramentas que estiveram envolvidas, assim como outras pessoas que o ajudaram a realizar essa experiência.

Mas a pesquisa sobre a sua história não acaba no momento em que este consegue atingir um nível de vida auto-sustentável. É importante saber o que aconteceu depois disso e se decidiu contribuir com a sua experiência para ajudar pessoas na mesma situação em que ele mesmo já se encontrou antes.

Outro ponto importante é descobrir como essa arte e os eventos se relacionam como ferramenta do empreendedorismo social, isto é, como utiliza os eventos de modo a promover esse tipo de arte, inovando dentro do seu meio.

Este método será baseado na bibliografia indirecta, pedindo ao sujeito que conte a sua história de via, dando liberdade para que este fale daquilo que quiser e pensar ser mais importante da sua vida, mas ajudando-o e orientando-o de forma a saber aquilo que queremos e é necessário.

Através do seu testemunho, será possível ter acesso à realidade em que viveu assim como aos vários contextos envolvidos, desde o social ao cultural, passando pelo económico.

Deste modo, as informações adquiridas, para além de ajudarem a perceber de que forma uma pessoa em específico utilizou a sua arte, também nos possibilitam a percepção da maneira como poderemos agir num determinado local que sofra de exclusão social.

4.2.1 - História de Vida de Joe Gray

Como já foi referido anteriormente, o método de estudo utilizado é o método de histórias de vida tendo sido posto em prática, fazendo uma entrevista não-estruturada ao dono da empresa onde realizei o estágio, Joe Gray. Assim, é possível cruzar a sua história de vida com as suas empresas.

Ao analisarmos a sua história de vida conseguimos compreender como alguém que tenha passado por várias dificuldades na sua vida, conseguiu através de algo que adora

fazer, superar essas dificuldades e até mesmo começar o seu próprio negócio, podendo ajudar outras pessoas.

Sendo uma entrevista não-estruturada, significa que após ter feito uma introdução explicando o objectivo da entrevista, não foram feitas questões.

“O intuito desta entrevista é ficar a conhecer a sua história de vida de modo a relacioná-la com o trabalho desenvolvido durante o estágio que estou a realizar neste momento na sua empresa: Joe Gray Evens. Não irei fazer qualquer tipo de pergunta, deixando-o à vontade para contar a sua história à sua maneira. No entanto, se se desviar do assunto irei orientá-lo de modo a seguir na direcção pretendida.”

Após ter feito esta introdução, Joe Gray começou a relatar a sua história de vida:

“Desisti da escola muito cedo, aos 16 anos, sem terminar os meus estudos pois nada realmente me interessava e só queria saber de me divertir com amigos em festas.

Entre os meus 16 e 21 anos, tive cerca de trinta trabalhos diferentes, sendo que o mais longo durou um ano e o mais curto apenas 1 mês.

O facto de na zona onde cresci existirem muitos problemas relacionados com drogas e pobreza, sofrendo também de exclusão social, não ajudou a que eu tomasse o caminho certo. Só aos 21 anos, quando já não via outra solução nem saída, é que percebi que algo tinha de mudar e descobri o programa de Jamie Oliver no restaurante 15 (Fifteen), um famoso cozinheiro, não só em Londres mas no mundo inteiro.

Este programa permite a jovens sem estudos, participarem num curso intensivo de culinária, onde têm a oportunidade de aprender com os melhores chefes de cozinha, durante um ano.

Nunca pensei que fosse ser aceite no programa ou que o iria conseguir terminar, uma vez que não tinha nenhuma confiança em mim mesmo e só o fiz pela minha mãe.

No entanto, foi uma experiência que acabei por adorar e realmente consegui terminar, tendo sido o primeiro projecto que realmente conclui na minha vida. Fui imediatamente inspirado pelos chefes que conheci e deixei-me contagiar pelo sentimento de família, sentindo-me parte de uma equipa, algo que nunca tinha sentido antes.

Também pela primeira vez gostei e quis mesmo aprender a cozinhar, visto ser uma coisa que realmente gostava de fazer. Quando andava na escola, não queria aprender pois era algo que me estava ser imposto e que eu não gostava, mas aqui consegui descobrir a minha verdadeira vocação. Além de que, quando estava entre os meus amigos, eu era o cozinheiro, mas quando me vi rodeado de cozinheiros, percebi que afinal ainda não sabia nada, pelo menos não da maneira correcta.

Assim, consegui descobrir novas técnicas e comidas que não conhecia e também aprendi muito ao ouvir histórias de outras pessoas que haviam passado por momentos semelhantes aos meus. Mais do que aprender a cozinhar, descobri o que realmente queria seguir como profissão e o quanto fazer aquilo que realmente se gosta nos pode influenciar no resto da nossa vida.

Aos 22 anos, quando terminei o programa no 15 (Fifteen), trabalhei em vários grandes restaurantes em Londres querendo sempre aprender mais, mas percebi que ainda fazia as coisas à maneira dos outros e que estava na altura de fazer algo por mim mesmo mas não sabia bem o quê.

Decidi, então, passar alguns anos a aprender sobre vendas, marketing e publicidade, vários elementos sobre negócios, de modo a expandir os meus conhecimentos.

Posteriormente, decidi tirar um tempo para mim mesmo e viajar pelo mundo, o que me inspirou e acabou por me dar várias ideias, tendo começado a fazer um plano para abrir o meu próprio negócio. Também descobri que gostava de cuidar dos outros e mostrar-lhes como se divertir, decidindo assim abrir a minha empresa de eventos Joe Gray Events. Seria a combinação perfeita de tudo o que aprendi e de algo que queria fazer.

Ao longo de cinco anos realizei diversos eventos (fornecendo sempre o catering), nomeadamente para a Microsoft, a Lacoste e até eventos internacionais no Mónaco.

Neste momento tenho duas empresas, a Joe Gray Events e a Slovely e ainda, muitos mais projectos em iniciação. Tenho várias novas ideias do que quero fazer e o facto de ter uma óptima equipa comigo, facilita-me muito o trabalho. De certa forma, criei a minha própria família.”

Após ficar a conhecer aquilo que o levou a seguir a culinária como profissão, direcionei a conversa no sentido de ficar a saber como isso mudou a sua vida e o que fez para ajudar outros na mesma situação que ele já se encontrou antes: “Agora que já me contou a sua formação e o início da sua carreira, gostaria de saber de que forma esse percurso teve um impacto positivo na sua vida e o que fez de modo a retribuir à sociedade”.

Joe Gray continuou, então, a contar a sua história: *“Mais tarde, após a empresa já se encontrar estável no mercado, decidi criar uma fundação que estará associada às minhas empresas. Sempre soube que as empresas de cariz social beneficiam indivíduos mais carentes e permite que mudem as suas vidas e decidi que estava na altura de ser eu a começar uma dessas empresas que espero desenvolver para uma fundação de caridade para ajudar ex-reclusos a entrarem no mercado de trabalho e terem uma segunda oportunidade, tal como eu também tive.*

Em 2013, através do programa que realizei no Fifteen, fui convidado para participar num evento chamado We Free, em Rimini, Itália. Este evento é realizado por uma comunidade chamada San Patrignano que consiste numa das maiores clínicas de reabilitação de toxicodependência do mundo. Todos os anos decidem organizar este evento que dura à volta de uma semana, onde diversos grupos de voluntariado participam de modo a partilhar as suas experiências e conhecimentos.”

Foi através deste evento que conheci Joe Gray e que me possibilitou uma entrevista para um estágio na sua empresa *Joe Gray Events*, uma vez que este já conhecia a minha experiência e gostou das minhas ideias para futuros eventos.

Visto que pretendia iniciar uma fundação associada às suas empresas que tem objectivo ajudar indivíduos com menos possibilidades a combaterem a pobreza e a exclusão social, foi uma óptima oportunidade para desenvolver o projecto de estágio.

Joe Gray acrescentou ainda: *“Todas estas experiências serviram para encontrar a minha verdadeira profissão e perceber que a posso utilizar de modo a ajudar os outros que se encontram em situações semelhantes às minhas no passado.”*

Todos os dias Joe Gray ainda aprende algo novo, estando muito satisfeito com o seu percurso e até onde o levou, tentando sempre passar o seu conhecimento para os outros.

Esta história de vida vai ao encontro do projecto uma vez que é a história do próprio criador de uma fundação que pretende combater a pobreza e a exclusão social através da arte e daquilo que mais gosta de fazer. É, assim, possível comprovar como a arte transforma a vida de um indivíduo que anteriormente se encontrava sem rumo e sem qualquer perspectiva de um futuro, num indivíduo que para além de ter carreira e um modo de vida bastante estável, ainda pretende ajudar os outros através daquilo que mais gosta de fazer.

Assim, demonstra que a arte, seja qual for a sua vertente, tem um aspecto educacional, expandindo os horizontes dos indivíduos permitindo-lhes encontrar um caminho para o seu futuro, ajudando-os a combaterem a situação mais negativa do seu local de residência que, muitas vezes, os leva no sentido errado. Concluindo, ao encontrarem essa actividade que tanto lhes interessa, estes indivíduos lutam por melhores condições para eles e, por vezes, para o seu próprio bairro, pois têm o sentimento de querer ajudar outros tal como foram ajudados. Este foi também o caso de Joe Gray.

O facto de estar a criar a sua fundação de modo a combater a pobreza e a exclusão social, ajudando jovens a encontrarem uma carreira, permitiu que pudesse desenvolver o meu projecto de combater precisamente estes aspectos. Foi muito importante aprender todos os processos desde como criar uma fundação até como utilizar os eventos no mesmo âmbito. Mas principalmente, foi fundamental ter feito parte da equipa que permitiu que isso acontecesse.

Esta história de vida é, portanto, fundamental para o desenvolvimento deste relatório de estágio, uma vez que permite comprovar a teoria abordada anteriormente.

4.2.2 - História de Vida de Abraham Tekya

A entrevista realizada a Abraha Tekya realizou-se através de *Skype*, uma vez que este se encontra no Uganda e eu em Londres.

A história de Abraham Tekya começa por ser bastante diferente da de Joe Gray, acabando por ter o mesmo resultado, no sentido em que ambos ultrapassam as suas dificuldades através daquilo que mais gostam de fazer.

Após ter feito a mesma introdução realizada anteriormente a Joe Gray, Abramz (como é mais conhecido pelos amigos) começou a relatar a sua história.

“Nasci em Kampala, Uganda, em 1982 e sempre vivi aqui. Não consigo nem imaginar viver noutra lugar, pois sinto que ainda tenho muito trabalho a fazer. Nunca tive contacto com o meu pai e a minha mãe morreu quando eu ainda tinha 10 anos, ficando apenas eu e os seus irmãos órfãos de pai e mãe.

Ficámos aos cuidados de uns tios que nos acolheram mas que nos disseram que só nos davam um tecto para viver, tudo o resto, como comida e bens básicos que necessitássemos teríamos de ser nós mesmos a conseguir.

Tudo isto foi muito difícil para mim pois não sabia como ultrapassar esta situação com os meus irmãos, sendo que ainda estavam muito abalados pela morte da nossa mãe. Uma das formas que eu encontrei de fugir um pouco a estes problemas foi ver vídeos de breakdance (Hip-Hop) na internet. Foi assim que descobri esta forma de arte e comecei a treinar com outros jovens na rua aquilo que via na internet.

Mas o breakdance não foi a única vertente do Hip-Hop que me despertou interesse. Por volta dos 15 anos comecei a interessar-me pelo Rap e a praticar com um amigo, acabando, mais tarde, por nos juntarmos e começarmos a dar concertos juntos.

Comecei a perceber que o breakdance interessava a muitos outros jovens naquela cidade e que apenas não sabiam como treinar, precisando de alguém que os guiasse e os inspirasse.

Aos 18 anos decidi criar uma organização chamada Breakdance Project Uganda (BPU) que consiste num projecto de voluntariado, onde jovens ensinam outros jovens breakdance, sendo assim uma forma de tirar os jovens da rua e os manter ocupados com actividades que eles gostam e os guiam no caminho certo.

Assim, reuni os jovens mais velhos que já sabiam um pouco sobre breakdance e que sempre tiveram vontade de ajudar os outros, para lhes dar formação e serem os mentores deste projecto e darem aulas a outros jovens.

Começámos por dar aulas mesmo na rua e muitos jovens apareceram com imensa vontade de aprender, mesmo não tendo ténis ou roupa apropriada para treinar.

Ao longo dos anos, o projecto foi crescendo e começámos a ensinar outras actividades relacionadas como Hip-Hop, tal como Rap e Dj. Tendo cada vez mais alunos, conseguimos arranjar um espaço fechado para darmos as aulas.”

Após ter falado de como surgiu a sua paixão pela dança e como iniciou o seu projecto, guiei a entrevista no sentido de saber como este projecto influenciou não só a vida de vários jovens, mas também a sua.

Ao qual Abramz respondeu: *“O projecto cresceu tanto que decidi fazer um documentário chamado “Bouncing Cats” onde retracta a vida no Uganda e como o BPU fez toda a diferença na vida de muitos jovens, ajudando-os a saírem das ruas e motivando-os a aprenderem coisas novas, em vez de se deixarem levar por maus caminhos.*

Muitas crianças foram levadas durante a guerra por generais que procuravam criar crianças soldado e as poucas que sobreviviam tinham grandes dificuldades a voltarem a ser apenas crianças e não assassinos.

Com a ajuda dos mentores do BPU, algumas conseguiram encontrar o bom caminho e interessarem-se por novos assuntos. Uma vez que no Uganda a escolaridade não é obrigatória, esta é muito cara e a maioria dos jovens não consegue pagar. Assim, os jovens sem escolaridade não conseguem emprego nem alcançar um nível de vida melhor.

Através do BPU, vários jovens encontram um sentido e uma forma de vida que os possibilita ir mais longe, uma vez que têm uma formação.

Assim, consegui transformar a minha vida em algo positivo, acabando por ser chamado para ir a vários países apresentar o meu documentário e dançar com vários grupos de dança famosos no mundo inteiro.

Através da arte, encontrei algo que realmente gosto e que me motivou a ajudar outros jovens em dificuldades a encontrarem também algo que os inspirasse a alcançarem mais na vida.

Em 2009, fui convidado, através do meu projecto BPU, para ir pela primeira vez ao mesmo evento que Joe Gray, We Free. Desde esse ano, fui convidado todos os anos até 2013.”

Foi também neste evento que conheci Abramz e que as nossas histórias se relacionam entre si e com a de Joe Gray. Este evento influenciou bastante as nossas ideias de projectos e forneceu-nos contactos importantes para os implementar.

Abramz foi uma das pessoas mais importantes neste evento devido à sua história de vida e a forma como sempre ultrapassou os seus obstáculos.

Após o ter conhecido, temos trabalho em conjunto em algumas ideias que me levaram a querer desenvolver o projecto de combater a pobreza e a exclusão social através dos eventos e a querer implementá-lo mesmo em Kampala mais tarde. Também foi uma inspiração para Joe Gray que tenta sempre inspirar-se na sua experiência no que diz respeito à criação da sua nova fundação.

Abramz acrescenta ainda: *“Não penso em abandonar Kampala, pois ainda acredito que tenho muito para fazer e que muitos outros jovens precisam da minha ajuda. O objectivo é que um dia mais tarde, os jovens que agora são alunos, passem a ser os mentores podendo passar a mensagem e tudo o que aprenderam a outros jovens que necessitem.”*

No caso de Abramz, também a arte, neste caso, o hip-hop, lhe ensinou como sobreviver a todos os obstáculos que foi encontrando na sua vida desde muito cedo. Ajudou-o a seguir um rumo positivo para a sua vida, mantendo-o ocupado e fora das ruas de Kampala que levam muitos jovens para caminhos menos positivos, tal como a pobreza e a exclusão social.

Apesar de ser uma cidade ainda pobre, Abramz vive em boas condições comparativamente à maioria dos residentes e encontrou a sua profissão. Também ele decidiu que devia retribuir à sua comunidade, ajudando o máximo de pessoas que pudesse, lutando para que o seu bairro se transforme num local melhor para viver.

A sua história de vida é bastante importante para este relatório e relaciona-se com o estágio, uma vez que foi após conhecer Abramz que me interessei mais por tais assuntos, como pobreza e exclusão social. Foi este que me ajudou a perceber como a arte pode realmente ser uma forma de ensino de valores humanos e sociais, sendo fundamental para o desenvolvimento deste projecto.

Através destas histórias de vida, é possível compreender como o facto de encontrar algo que realmente se gosta de fazer, pode mesmo mudar a vida de alguém. Através da

comida, Joe Gray encontrou um novo rumo que lhe permitiu ultrapassar as suas dificuldades e os seus problemas, conseguindo ter muito mais do que uma carreira.

No caso de Abraham Tekya, a arte, mais especificamente, o Hip-Hop, levou-o a encontrar não só um hobby, mas aquilo que, mais tarde, veio a ser não só a sua profissão, como também o seu modo de vida.

As suas profissões permitiram-lhes não só ter um nível de vida auto-sustentável, mas também construir algo que ajudasse outros jovens que estão a passar por situações semelhantes e que apenas precisam de uma segunda oportunidade e de alguém que acredite neles verdadeiramente.

São projectos que já decorrem há vários anos e que se têm vindo a desenvolver nas suas comunidades, tendo também um impacto positivo na sociedade em que vivem.

4.3 – Plano de Acção

Seguindo o exemplo destas duas histórias de vida, surge o plano de acção de um novo projecto a ser desenvolvido na respectiva entidade de estágio. Neste caso, utilizando a arte, mais especificamente, os eventos culturais, para combater a exclusão social e a pobreza, como já havia sido referido.

O objectivo é criar uma organização na empresa que se preocupe estritamente com as questões sociais e se dedique a organizar estes eventos culturais. No entanto, esta organização não irá organizar os eventos sozinha, nem é esse o objectivo.

Depois do estudo onde se identificam quais as zonas mais pobres de Londres, deve-se tentar encontrar instituições que já trabalhem nesses locais há mais tempo e que estejam dispostos a colaborar para o desenvolvimento da zona. Estas instituições poderão ser muito úteis, pois para além de já conhecerem melhor a comunidade, irão facilitar a introdução de uma nova organização no local. Assim, os próprios membros da comunidade serão mais receptivos ao novo projecto que envolve uma mudança no seu local de residência.

A organização não pretende impor determinados eventos no local ou organizá-los sozinha. Os próprios residentes do local serão abordados para que possam fazer parte deste projecto, dando o seu contributo em todas as fases de organização. Os residentes

terão formação por parte da organização e terão uma participação muito importante no que diz respeito ao conceito do evento.

Os eventos culturais realizados nestas zonas mais desfavorecidas e excluídas da sociedade, têm como objectivo demonstrar aquilo que de bom e único lá existe. Assim sendo, só fará sentido se os eventos se relacionarem com o local e com os próprios residentes que participarão na organização do evento.

É importante definir que poderão participar não só no planeamento mas também no que diz respeito à parte cultural do evento, isto é, poderão ser os artistas do evento. Por exemplo, se for um concerto, poderão ser eles uns dos artistas convidados; se for um evento de culinária, poderão ser eles os cozinheiros.

Isto vai ao encontro da questão da arte como forma de inclusão social, uma vez que os indivíduos encontram uma forma de se inserirem na sociedade tanto no que diz respeito ao mercado de trabalho, como socialmente, por sentirem que pertencem a um grupo da sociedade.

Deste modo, cada um poderá participar no campo em que se sentir mais à vontade, podendo sempre contribuir para a dinamização do seu local de residência. Este projecto, não só contribui para a criação de novos postos de trabalho através dos seus eventos, como também permite a criação de receitas, podendo existir uma reestruturação no bairro, criando melhores condições e acessos para os próprios residentes, assim como para os turistas que visitarão a zona.

Estas mudanças na estrutura do local em conjunto com os eventos culturais irão atrair vários turistas que procuram conhecer novas experiências e novas culturas, e que desta forma o poderão fazer num só local. Esta será outra forma de relacionar a educação através da arte, uma vez que através destes eventos artísticos é possível passar uma mensagem de vários problemas sociais, que a sociedade possa sofrer.

Estes turistas poderão ser atraídos tanto pelos eventos (turismo de eventos), como pelo lado solidário (turismo solidário), conseguindo alargar ainda mais o público-alvo. Este segundo tipo de turismo é fundamental para o projecto, pois estes turistas procuram não só conhecer a cultura e os indivíduos residentes de locais mais pobres, como também contribuir realmente para a sua evolução.

À medida que o projecto se desenvolve, os eventos organizados no local irão começar a ser cada vez maiores e a atrair cada vez mais pessoas de todos os pontos do país e até de outros países. Uma forma de captar a atenção de mais pessoas é criar eventos com regularidade, por exemplo, uma vez por mês realiza-se o mesmo evento, mudando apenas alguns pormenores, o que fará com que os indivíduos que frequentaram o primeiro evento já saibam que irão ocorrer outros todos os meses e poderão também fazer publicidade aos próximos eventos.

Ao evoluírem os eventos, cada vez mais trabalhadores serão necessários, criando cada vez mais postos de trabalho, permitindo aos residentes entrarem no mercado de trabalho, podendo mais tarde arranjar trabalho noutra local.

A organização ajudará a organizar o evento e dará a formação necessária aos residentes, mas também pretende apoiá-los nas suas necessidades e dificuldades, para que estes possam ultrapassá-las e recomeçarem a sua vida, tendo uma segunda oportunidade.

Baseando-se nas histórias de vida descritas anteriormente, ficou demonstrado que o facto de se ter uma segunda oportunidade a fazer aquilo que realmente se gosta, poderá mudar totalmente a vida de alguém. Se essa segunda oportunidade puder ajudar a transformar também o seu próprio local de residência para que mais pessoas tenham essa oportunidade, será uma dupla conquista.

Atraindo pessoas a esses locais, estes deixam de fazer parte das zonas consideradas desinteressantes e até mesmo perigosas do país visto que não eram visitadas por ninguém exterior, uma vez que não havia razão nenhuma para o fazerem. Desta forma, combate-se um pouco a exclusão social e também a pobreza, sendo que os turistas gastam o seu dinheiro no local. Para além de ser positivo financeiramente para o local, também o é para o país, visto que os turistas (principalmente do exterior) gastam o seu dinheiro nos transportes e entidades hoteleiras no país em questão.

A arte tem assim um resultado positivo em dois sentidos. Os eventos culturais relacionados com arte têm um grande impacto ao atraírem os turistas que desejam assistir aos eventos ao mesmo tempo que conhecem uma nova cultura e sociedade.

Por outro lado, a arte tem a capacidade de cativar aqueles que poderão estar um pouco mais perdidos sem saberem bem qual o rumo a tomar. Através da arte, os jovens começam por encontrar um *hobbie*, algo que lhes ocupe o tempo e os direcione na

direcção certa, para mais tarde, talvez, seguirem isso como profissão ou descobrirem algo em que queiram trabalhar. O facto de sentirem que realmente podem contribuir com algo significativo para a sociedade, motiva os jovens a encontrarem algo importante para si.

A organização terá como um outro objectivo, a obtenção de apoios financeiros e não só, para que todo este processo seja possível, uma vez que inicialmente todo o lucro existente será para conseguir manter a organização dos eventos e de toda a reestruturação do local. Tendo diversos apoios, também será mais fácil dar a conhecer este novo projecto e publicitar os eventos, assim como também dará mais viabilidade ao projecto.

Estando a organização associada a uma empresa que já se encontra estável no mercado e é reconhecida positivamente, neste caso, *Joe Gray Events*, será possível transmitir melhor a responsabilidade que o projecto tem.

Normalmente, os trabalhadores de organizações que dependem inicialmente de apoios financeiros, não são pagos, sendo portanto, voluntários. Sendo voluntários, só irá trabalhar quem realmente gosta do que está a fazer, mas por outro lado, todos precisam de se sustentar e terão que arranjar um trabalho e deixar a organização. Isto significa que irá existir uma grande rotatividade de funcionários, o que não será favorável à estabilidade da organização.

O facto de estar associada à empresa que tem resultados financeiros bastante positivos possibilita que estes trabalhadores sejam pagos desde o início, mesmo que o salário não seja muito alto, permitindo que estes se mantenham na organização. Com o seu evoluir, a própria organização poderá encarregar-se dessa tarefa e aumentar os seus salários.

Assim, o objectivo de criação de emprego também se verifica, introduzindo novos membros no mercado de trabalho.

Não é pretendido que a organização permaneça no local para sempre. Esta deve manter-se até que os próprios residentes que se envolveram no projecto, se encontrem aptos a continuarem sem a ajuda de terceiros. O objectivo é que a longo prazo já não seja necessário a intervenção de nenhuma organização e que eles próprios tenham a sua organização/empresa de eventos para dinamizarem o bairro e atraírem turistas.

Na realidade, a organização é apenas temporária servindo de formação para os residentes, mostrando-lhes como organizar eventos de forma sustentável e dando-lhes apoio em todas as questões sociais, ajudando-os a lidar com várias dificuldades, tal como a pobreza e a exclusão social.

Após o projecto já ser reconhecido e se encontrar estável financeiramente, a organização transfere o projecto para os residentes, dando-lhes a oportunidade de terem o seu próprio negócio.

A organização começará o projecto apenas num local e irá expandir-se para outros à medida que se vai desenvolvendo e vai deixando de ser necessária em alguns locais.

Para começar uma organização é sempre preciso financiamento, mesmo que esta esteja associada a uma empresa. Visto que é pretendido que esta organização organize eventos, uma das melhores formas de adquirir os fundos necessários será organizar um evento de angariação de fundos.

Esta será uma das maneiras de utilizar os eventos neste combate à exclusão social e à pobreza, conseguindo o dinheiro necessário para que se possa começar a organização que levará a muitos outros benefícios. Este primeiro evento será organizado apenas pelos funcionários da organização, uma vez que ainda não terá decorrido a formação aos residentes. No entanto, seria interessante que o evento se realizasse já no local onde se pretende iniciar a organização e assim sendo, a ajuda dos residentes será sempre bem-vinda, pois é importante que estes se sintam integrados desde o início e não sintam que a organização está a tentar impor a sua vontade no seu local de residência.

Para além de ser um evento de angariação de fundos, tem também como objectivo mostrar o conceito que este projecto, e por consequência, os eventos, pretendem transmitir. Deverá, então, um evento relacionado com a própria comunidade onde se explique o intuito do futuro projecto. Possivelmente, um evento artístico onde os próprios residentes possam ser os artistas e expor o talento existente naquela zona.

Os fundos angariados neste evento não serão suficientes para manter a organização a funcionar e inicialmente poderão ser necessários apoios financeiros por parte de outras entidades, para além da empresa associada. É, portanto, fundamental que o primeiro impacto do evento seja positivo e que leve a outras empresas quererem apostar no projecto.

Se as grandes empresas, já conceituadas no mercado, decidirem apoiar financeiramente, também terão interesse em promover, o que dará uma maior dimensão a toda a organização e a todos os eventos.

Não é pretendido que, posteriormente, a organização necessite destes apoios financeiros exteriores, mas sim que atinja um nível auto-sustentável onde apenas depende de si mesma e da empresa associada.

Mais eventos de angariação de fundos poderão ser feitos ao longo do projecto se surgir algo que o justifique, como por exemplo, a reabilitação de certas infra-estruturas do local necessárias para se realizarem os eventos.

Quando a organização já se encontrar estável, o ideal será que consiga sustentar-se apenas com os seus eventos periódicos que têm como intuito a dinamização do local, envolvendo a população residente em todo o seu processo de organização.

Visto que o turismo de eventos também é um grande factor de atracção de turistas a um local, nada melhor do que organizar eventos que atraiam tanto os turistas que pretendem assistir ao evento, como aqueles que se pretendem envolver com o próprio local e a população residente, ajudando de certa forma, na preparação do evento.

Relacionando as histórias de vida com o projecto, é possível concluir que quando é dada uma segunda oportunidade aos indivíduos de fazerem algo com o qual se identificam e realmente gostam, todo o seu percurso poderá ser influenciado positivamente, causando uma melhoria no seu nível de vida.

Através da história de vida de Joe Gray, verifica-se que a empresa *Joe Gray Events* será ideal para implementar este projecto. Uma vez que esta empresa já trabalha no sentido de criar uma fundação para ajudar ex-reclusos, esta decidiu alargar o seu público-alvo a jovens mais carenciados em zonas mais excluídas, envolvendo assim este projecto de combate à pobreza e exclusão social na sua fundação. Assim, a organização que estaria envolvida com as comunidades a combater estes problemas sociais, fará parte da fundação associada às empresas.

Através deste novo projecto e desta fundação, é possível utilizar os eventos como forma de combater a pobreza e a exclusão social, baseando-nos nas histórias de vida como exemplo e percebendo que a arte, em qualquer modalidade, será sempre uma mais-valia

para conseguir motivar os indivíduos a fazerem parte deste projecto e a sentirem-se parte de um grupo.

4.4 - Evento Final

Como já foi referido anteriormente, os eventos podem ser utilizados como uma forma de angariação de fundos para começar um projecto. Neste caso, decidi realizar-se um evento de modo a angariar o dinheiro suficiente para começar a fundação e este novo projecto que agora faz parte desta.

Relacionando este evento com a teoria abordada anteriormente e com as histórias de vida, decidiu-se que o conceito do evento teria a ver com a arte, neste caso a arte de rua (*Street Art*), e a comida de rua (*Street Food*). Sendo a arte de rua, neste caso, o hip-hop que originalmente começou nos Estados Unidos da América, o tema do evento e por consequência, também a comida, será relacionado com os Estados Unidos da América.

O objectivo era juntar a dança hip-hop, realizando *workshops* e performances de grupos de dança, à comida de rua típica dos Estados Unidos da América, tais como os cachorros quentes e *beigels*, dando sempre um toque mais requintado e único.

Esta ideia surgiu do facto de sempre me ter relacionado muito com a arte, mais especificamente com o hip-hop e vai ao encontro da ideia de que a arte pode e deve ser utilizada no combate à exclusão social através dos eventos, atraindo o público-alvo esperado. Ou seja, o público que se interessa pela arte e que gostaria de estar envolvido numa causa social com o objectivo de iniciar uma fundação para ajudar pessoas mais carenciadas.

Por outro lado, as histórias de vida também influenciaram o conceito ao juntar ambas as ideias: hip-hop e comida. Sendo que as duas histórias são bastante inspiradoras e com resultados bastante positivos, nada melhor que as por em prática no estágio e mais especificamente, no evento.

Desta forma, a melhor maneira de as relacionar é o tema Estados Unidos da América sendo que foi lá que começou o hip-hop e a comida de lá é relativamente fácil de caracterizar e ambos ligam bastante bem.

Após a aceitação do conceito por parte da empresa, foi necessário encontrar patrocinios e fornecedores dispostos a colaborar ao mínimo custo possível uma vez que sendo um evento de angariação de fundos, o objectivo seria gastar o menos possível e ter o máximo de apoios para que a margem de lucro fosse grande e se pudesse dar início à instituição em causa.

Nesta fase foram muito importantes os contactos já existentes por parte da empresa na área dos eventos pois esta já havia trabalhado em parceria com muitas outras empresas e instituições, o que facilitou, assim, o apoio de muitos.

Todas as etapas de organização do evento estiveram relacionadas tanto com os temas abordados como com as histórias de vida. Deste modo, o plano de marketing que elaborei com a ajuda de um profissional dessa área teve em consideração o conceito do evento, havendo sempre a preocupação de realçar a causa do mesmo.

Com a sua ajuda elaborámos um plano de marketing bastante específico com todos os pormenores desde dois meses antes até um mês depois do evento, sendo que é fundamental tanto começar a divulgar o evento através de certas estratégias como também divulgar os resultados do evento, após este. Deste modo permite que não seja esquecido imediatamente e prolonga ao máximo os efeitos deste, tais como manter na memória dos indivíduos que esta empresa apoia causas como estas.

Outro passo muito importante é a escolha do local que se deve relacionar, de alguma forma, com o conceito do evento. Uma vez que ainda não tinham sido escolhidos os locais e comunidades onde se pretende intervir, o local escolhido foi, então, um parque de estacionamento ao ar livre com vários grafitis muito interessantes em *Brick Lane*. Este sítio pareceu-nos muito apropriado uma vez que os grafitis são também uma das vertentes do hip-hop e *Brick Lane* é um local com uma grande diversidade cultural, onde todos se sentem aceites tal como são.

Ao domingo, em *Brick Lane*, já existe um mercado de comida, roupa e acessórios, todos muito variados e por isso, é um local muito conhecido e seria fácil fazer a divulgação do evento naquele espaço.

O facto de em Londres existirem muitos eventos e mercados ao ar livre também é uma mais-valia para o sucesso deste evento mas, por outro lado, também significa que deve

existir um elemento diferenciador que faça os indivíduos quererem participar num evento diferente e inovador.

Por ser um local bastante procurado para este tipo de eventos, foram realizadas várias reuniões com o dono do local de forma a conseguir fazer o negócio mais vantajoso para ambas as partes, aludindo sempre ao objectivo do evento.

Apesar do atraso na resposta positiva por parte do dono do local, que levou mesmo à mudança de data, após muitas reuniões da equipa e algumas com fornecedores, o evento começou, finalmente, a ganhar forma de algo concreto.

O evento, realizado a 19 de Julho, foi um sucesso, conseguindo angariar o dinheiro necessário para o começo da fundação. Pessoas de diferentes zonas de Londres apareceram para contribuir nesta causa e gostaram bastante do conceito do evento, participando nos *workshops* tanto de dança como de comida. Desde crianças a adultos, todos quiseram experimentar as diferentes actividades, assistir aos espectáculos e provar a comida.

Este evento permitiu o início de uma fundação que irá ajudar muitos jovens a encontrarem um lugar onde se sentem seguros, podendo ser eles próprios e não sofrendo de nenhum tipo de exclusão social, onde lhes é dado uma segunda oportunidade de recomeçarem as suas vidas.

Assim, poderá começar-se o combate à pobreza e exclusão social nas comunidades menos desenvolvidas e mais excluídas da sociedade, convidando os seus residentes a juntarem-se ao projecto, fazendo aquilo que mais gostam e com que se identificam.

5 - Conclusão

A ideia deste projecto surgiu após eu ter participado durante 3 anos num grupo de voluntariado onde jovens ensinam outros jovens uma forma de arte, desporto ou outro tipo de actividade. Resumindo, os jovens dão aulas a indivíduos que não teriam possibilidades de aprender esta actividade de outra forma, em bairros mais pobres e muitas vezes excluídos da sociedade.

Tendo sido uma das mentoras de dança (hip-hop) num destes bairros, tive contacto directo com a comunidade e com as condições em que esta vive. Com este projecto pude juntar duas coisas que sempre gostei: dança e voluntariado.

O facto de estar a estudar Gestão de Eventos e de sempre ter querido começar o meu próprio projecto de modo a poder ajudar mais pessoas, fez-me pensar como poderia juntar também a dança e os eventos. Assim, a ideia que surgiu foi combater a pobreza e a exclusão social que se encontra em alguns locais, através da arte e dos eventos, ou seja dos eventos artísticos.

Após se ter pesquisado bastante sobre todos os temas envolvidos neste projecto, assim como empreendedorismo social e inovação, educação através da arte e claro pobreza e exclusão social, tem-se um conhecimento mais vasto sobre todos eles e ainda permite relacioná-los com o método utilizado para analisar este projecto, neste caso, as histórias de vida.

A arte, tal como Read afirma em vários dos seus trabalhos, deveria estar sempre relacionada com educação e vice-versa, sendo que é uma mais-valia para todos aqueles que têm acesso a ter a arte nas suas vidas.

As histórias de vida que são retratadas neste relatório comprovam exactamente isso, uma vez que foi através da arte que os dois indivíduos conseguiram encontrar um caminho e uma segunda oportunidade, encontrando não só uma paixão mas também a sua futura carreira.

Assim, a arte permitiu-lhes encontrar algo que gostavam de fazer e ainda descobrir uma maneira de o utilizar tanto a seu favor, no sentido de puderem sustentar-se através dessa actividade, como também a favor dos outros, de modo a ajudar aqueles que também se encontram perdidos.

Isto deve-se ao facto de a arte permitir que os indivíduos se expressem de diferentes maneiras e da forma que lhes for mais simples, facilitando a inserção na sociedade para aqueles que têm mais dificuldade em o fazer.

Muitas vezes, estas pessoas com mais dificuldades, quando encontram algo que as ajuda a ultrapassá-las, tornam-se empreendedores, tentando inovar sempre ao encontrar novas formas de combater aqueles que consideram ser os maiores problemas da sociedade.

Sendo a pobreza e a exclusão social os problemas referidos ao longo do relatório, estes empreendedores são empreendedores sociais que correm sempre um risco ao procurarem investir em algo novo, mas que consideram que vale a pena pelo resultado final. Tal como Abramz não saberia se ao começar o seu projecto, os jovens iriam aderir e mudar os seus hábitos e modos de vida, para se juntarem a ele nessa causa.

Joe Gray é outro exemplo de alguém que apesar de já ter o seu negócio estável, decidiu arriscar e inovar, tentando criar uma fundação que pudesse ajudar indivíduos mais carenciados a entrar no mercado de trabalho e decidiu organizar um evento para tornar isso tudo possível.

Este evento de angariação de fundos serve também de exemplo para que mais pessoas sigam o seu exemplo e comecem a investir em projectos empreendedores que poderão ajudar a combater a exclusão social

Assim, a ideia de utilizar os eventos como forma de combater esse problema surgiu na sequência de poder juntar num só projecto os eventos, a arte e inovação como forma de empreendedorismo social.

Tendo também como exemplo as histórias de vida, o objectivo é que os próprios indivíduos que se pretende ajudar, participem no projecto de modo a fazer parte dele e a contribuírem para a sua própria inclusão social.

Deste modo, após uma análise aos locais considerados mais excluídos e pobres, cria-se uma organização (que faz parte da fundação) no local, dando formação aos residentes e iniciando o projecto de organizar os eventos nesse lugar. Estes eventos, relacionados com a população, ajudam a que esta se sentisse a fazer parte de um grupo, ao mesmo tempo que os envolvem no mercado de trabalho.

Os indivíduos trabalharam nestes eventos culturais, seja no que diz respeito a questões relacionadas com a arte ou a tudo o que diz respeito à logística do evento, contribuindo também para o desenvolvimento do seu local de residência.

É então possível combater a exclusão social a nível cultural, social e económico, no sentido em que os eventos também atraem pessoas ao local querendo assistir aos eventos, ao mesmo tempo que os residentes conseguem entrar no mercado de trabalho e ainda reduzir a pobreza e melhorar as condições de vida do local onde vivem.

O estágio permitiu perceber como funciona uma empresa de organização de eventos e como, através desta, é possível criar uma fundação que ajuda essas zonas que sofrem de exclusão social e que necessitam mais de ajuda.

O evento final organizado durante o estágio também possibilitou a aprendizagem de como organizar um evento de angariação de fundos para começar uma fundação e que esse tipo de eventos também é uma forma de combater a exclusão social.

Este evento, tendo sido um sucesso, não só pelo número de pessoas que atenderam a este, mas pelo impacto positivo que teve em cada uma delas, foi fundamental para o primeiro passo à criação da fundação. O facto de ter juntado o hip-hop e a arte, como base do projecto, permitiu mostrar directamente às pessoas como este iria funcionar. Isto proporcionou que uma série de pessoas quisessem investir e ajudar esta fundação e até mesmo começar os seus próprios projectos.

Utilizar os eventos culturais na tentativa de combate à pobreza e à exclusão social, tem vários factores positivos, uma vez que para além de reabilitar o local, permite aos residentes inserirem-se na sociedade entrando no mercado de trabalho. Mais uma vez fica demonstrado que a arte possibilita esta inclusão social dando-lhes uma maneira de se expressarem.

Através do estudo de caso, foi possível compreender que estes projectos de cariz social, quando apoiados por empresas maiores, têm muito mais possibilidades de serem bem-sucedidos, podendo ser benéficos para ambos os lados. Para as empresas sociais no sentido de terem uma grande empresa já reconhecida a apoiar financeiramente e para essas empresas, o facto de passarem a ser identificadas por apoiarem tais causas.

A *Joe Gray Events* foi, assim, a empresa ideal para implementar o projecto, uma vez que o juntou à sua fundação. O que surgiu apenas como uma ideia, acabou por se tornar num projecto levado até Londres com o intuito de realizar um estágio numa empresa estrangeira que já possuía algum destes fundamentos.

A empresa tem perspectivas de continuar a expandir e crescer no mercado de trabalho de modo a adquirir mais clientes, ao mesmo tempo que pretende investir na fundação de modo a poder realmente começar a ajudar indivíduos a entrarem no mercado de trabalho.

Este relatório tem também como objectivo que estes temas, que muitas vezes são deixados para trás, sejam abordados e estudados por mais pessoas e que possam servir-lhes de base para desenvolverem os seus projectos, tal como os autores que mencionei ao longo do relatório me serviram de suporte.

Uma vez que também pretendo continuar a estudar sobre estes temas e outros que possam surgir associados, outros trabalhos poderão surgir de modo a permitirem a implementação de novos projectos.

Concluindo, a arte pode de facto ser educacional e ajudar a combater certos problemas sociais, como ficou comprovado através das histórias de vida, podendo ser utilizada através dos eventos culturais.

6 – Referências Bibliográficas

- Barroso, P. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção, *Arte e sociedade: comunicação como processo*, Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. Portugal.
- Cannatella, H. (1992). *Education Through Art*, Prince George.
- Costa, M. & Porto, R (2008, Julho-Dezembro). Revista de Direitos e Garantias Fundamentais. *Exclusão Social, Violência Estrutural e Delinquência Juvenil: Uma Análise a partir de Michel Foucault*.4, 83 – 103, Vitória.
- Fernández, X. (2009). *Intervenção Comunitária e Práticas de Inclusão* (Cadernos de Estudo 14). Universidade de Vigo, Portugal.
- Florida, R. (2003). *Cities and the Creative Class*, City & Community, 2:1, 3 – 19, Washington, DC.
- Godinho, R. Recensão, *Capucha, Luís (2005), Desafios da Pobreza*, Celta Editora, Oeiras.
- Jackson, W. *Why is Hip-Hop so Powerful?* Mo'Genius University, Inc, Boston.
- Jornal Público. (2007, 4 de Junho). *Entrevista a Alfredo Bruto da Costa*.
- Mano, A. (2010). *Pobreza e Exclusão Social*. (Ficha Técnica). Faculdade de Economia Universidade de Coimbra, Portugal.
- Oliveira, P. & Natário, M. (2009). *Inovação e Desenvolvimento Territorial: O Papel do Empreendedorismo Social*. (Documento de trabalho 2009/76). ISCTE-IUL, Lisboa, Portugal.
- Paiola, M. (2008). *Cultural Events as Potential Drivers of Urban Regeneration: An Empirical Illustration*. Industry & Innovation, 15(5), 513 – 529, Routledge, London.
- Pinto, A. (2005). *Educação pela Arte para uma Cultura Intercultural*. (Tese de Mestrado). Universidade Aberta, Portugal.
- Rêgo, D. (2010). *Pobreza e Exclusão Social*. (Tese de mestrado). Faculdade de Economia Universidade de Coimbra, Portugal.
- Saldanha, N. (2008). *Arte Popular, Arte Erudita e Multiculturalidade. Influências, confluências e transculturalidade na arte portuguesa*, Lisboa.

- Silva, A., Barros, C., Nogueira, M. & Barros, V. (2007). “*Conte-me sua história*”: reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico - estudos em psicologia, I(1), 25 – 35, Belo Horizonte.
- Silva, G. (1995). *Capital Cultural, Classe e Gênero em Bourdieu*. (Tese de Mestrado), ECO/UFRJ, Portugal.
- Silva, J. (2012). *Atividades Ludopedagógicas e Intervenção Comunitária*. (Tese de Mestrado). Universidade de Lisboa Instituto de Educação, Portugal.
- Silva, L. *Educação pela Arte*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Vieira, J. (2011). *Empreendedorismo e Inovação como forma de Mudança e Inclusão Social: Criação de uma Incubadora Social no Município de Ílhavo*. (Tese de Mestrado). Faculdade de Economia Universidade de Coimbra, Portugal.
- Zukin, S. (2004). *Dialogue on urban cultures: globalization and culture in an urbanizing world*. World Urban Forum, 1 – 14, Barcelona.

Webgrafia

- Bourdieu, P. (1986). *The Forms of Capital*. Retirado de: <https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/bourdieu-forms-capital.htm> [10 Janeiro de 2015]
- Branson, R. (2013). *Entrepreneur. Richard Branson on Social Entrepreneurship*. Retirado de: <http://www.entrepreneur.com/article/227044> [Pesquisado a 27 de Janeiro de 2014].
- Nunes, P. (2007). *Ciências Económicas e Empresariais. Conceito de Nicho de Mercado*. Retirado de: <http://www.knoow.net/cienceconempr/gestao/nichomercado.htm> [Pesquisado a 3 de Fevereiro de 2014].

Anexos

1. Press Release

Saturday 19th July at Brick Lane

Big Fish Foundation Charity Event

Joe Gray Events are holding a fundraising event to raise money for a charity start up – The Big Fish Foundation – Which will help young people who have fallen on hard times, giving them a second chance in life by creating jobs and training. This exciting event will bring people from all walks of life together within London to enjoy street food, street art, hip-hop dancing, workshops and demonstrations from experts and well known personalities.

Through the sale of their award winning Sea Salt they are able to give others a helping hand. They mentor, train and pay them a proper salary, inspiring and providing an opportunity for individuals to better themselves.

On the 19th July, from 12pm till 7pm, Brick Lane will become a bustling hub of entertainment showcasing an American themed event and celebrating this amazing culture whilst bringing Hip Hop back to its roots from where it originally started. Many fun and family friendly activities will happen during the event to keep you entertained throughout the day.

During the Hip-Hop dance workshop we will show you what the Hip-Hop culture is all about as well as basic Hip-Hop moves, routines and stances. After that a simple routine will be performed with everyone from what they have just learnt. Some demonstrations of how to do prepare and cook food by Joe Gray, a well-established celebrity chef in London.

Joe Gray Events is already known for put together brilliants events but with this specific event it introduces a new demographic in the hope of raising enough money to establish the charity.

Notes to editor:

Event: Big Fish Foundation Charity Event

Date: Friday 19th July

Times: 12pm – 7pm

Venue: Brick Lane

Tickets: £6